

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000  
 ---  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 ---  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Perante uma das commissões da Camara, comparecen o engenheiro Buarque de Macedo, emergindo, depois de muitos annos de eclipse, da modesta obscuridade aonde o arrojaram os desastres, as explosões occorridas nos laboratorios da chimica do ensilhamento. Como nota honrosa, deve-se recordar que esse industrial, de uma actividade incomparavel, de um formidavel poder de assimilação, revolveu milhões, improvisou fortunas e ficou pobre, demonstrando assim a convicção com que arrojou a fabulosas empresas o dinheiro dos outros e o delle, de olhos fitos numa estrella rutilante, que empallidecen e se sumiu para sempre no horisonte com dois golpes de decretos.

O sr. Buarque de Macedo discorren brillantemente sobre as communicações maritimas, demonstrou que as nossas mil e duzentas leguas de costa, descriptas em cartas de estrangeiros ou nos roteiros, feitos a olho, por alguns pilotos amestrados, necessitavam de meios de communicações, instrumentos economicos que a Constituição reservou, por um inepto *chauvinismo*, á cabotagem nacional. O sr. Buarque discorren eloquentemente, alinhou algarismos, construiu os seus argumentos sobre o solido concreto de dados estatisticos e concluiu pela reorganisação do Lloyd, cujo material, muitas vezes remontado, concertado, pintado de verde, está no lugubre acervo do Banco da Republica entre os muitos ferros velhos a que ficou reduzido o seu patrimonio.

O nosso maior inimigo é a distancia; o nosso irremediavel defeito consiste em sermos um paiz enorme com a circumstancia aggravante de possuirmos todas as fontes de producção em profusa opulencia, na superficie como nas entranhas da terra ubertosa, sob a cupola de um céu placido, já-

mais perturbado pelas convulsões, pelos accidentes meteorologicos.

Si o nosso principal inimigo é a distancia, os meios de transporte, abundante e barato, representam uma necessidade inadiavel de que ha um seculo cogitára d. João VI e atravessou muitas gerações de legisladores, de estadistas, como um dos mais patrioticos empenhos dos governos, como testemunham eloquentemente as Falas do Throno e os relatorios dos ministros, sempre muito preocupados com esses transcendentales problemas da economia nacional.

De todo esse esforço resultaram: por terra, estradas de ferro construidas á maneira habitual da preguiça indigena; por mar, linhas de navegação maritima e fluvial, o velho casco do Lloyd, a Companhia Brazileira, algumas empresas ephemeras e a Companhia do Amazonas, destinada a revelar os portentosos segredos do rio mar.

Deante do quadro traçado pelo illustre sr. Buarque, com pincel de mestre, emerge a razão da abstenção do capital estrangeiro em se empregar nessa industria de transpote maritimo, cuja exploração, em todo o mundo civilizado, constitúe um dos mais appetecidos e lucrativos negocios. Nós lhe fechámos o accesso ao vastissimo campo de acção, armando as duas companhias com privilegios, favores que as transformaram em instrumentos de exclusão de outros concorrentes, como fôssem fartas subvenções pecuniarias que, justificadas ao principio, se tornaram favores de mão beijada, sinão subsidio prejudicial, resultando um monopolio odioso, desde que a iniciativa industrial foi por sua conta e risco abrindo brecha no negocio e vencendo lentamente, tenazmente, um competidor que se figurava inexpugnavel.

E chegámos ao seguinte resultado: ao passo que o Lloyd, apoiado em subvenções, se arruinava, as pequenas

empresas do mesmo genero prosperavam, nutriundo-se com os sobejos do Lloyd, com as sobras dos seus porões abarrotados, dos seus immundos beliches desbordantes de passageiros. Fôsse isso devido a defeito organico da empresa, ou a fraude, devorando, insaciavel, rendimentos colossaes, a dolorosa verdade é que o Lloyd não correspondia aos sacrificios nacionaes concretisados nas subvenções, nem ás necessidades economicas justificativas dos seus privilegios.

Entre os nossos leitores haverá, sem duvida, quem não tenha provado a delicia de uma viagem da linha do norte, haverá quem não tenha experimentado a nausea de permanecer, durante muitos dias, dentro de uma gamella de lixo, de detritos humanos, forçado ao contacto da porcaria repugnante, um supplicio que passaria para o elenco dos padres da Inquisição si naquelle tempo se houvesse inventado esse luxo de navegação a vapor. Aquelles que se submetteram ás angustiosas linhas do norte, sabem por dolorosa experiencia até onde chegou o excesso do abuso da bôa-fé, da paciencia, da longanimidade dos condemnados, por falta absoluta de outro vehiculo, a essas viagens dantescas de passageiros accumulados sem conforto, nutridos de pessimos generos, escolhidos a capricho dentre a escoria, o rebutalho dos artigos de alimentação — carne magra, farinha mofada, biscoitos bichados, assucar negro, café detestavel, crimosamente misturados com milho e feijão podres, tudo isso feito impudentemente, ás barbas de uma austera fiscalisação do Governo, muito competente, muito honrada, mas completamente privada dos sentidos da vista e do olfato.

Deante da perspectiva de um tratamento pessimo e caro, accrescido pela despeza a que os passageiros são forçados para comerem alguma coisa tragavel nos portos da escala, quem

podia dispor de outro meio de transporte evitava os vapores do Lloyd: os passageiros de Pernambuco e da Bahia procuram de preferencia os paquetes inglezes da Royal Mail, ou os francezes da Messageries, onde a limpeza, pelo menos, é preceito hygienico observado e respeitado.

O remedio para aquelle estado de coisas, o correctivo para todo o genero de industria, pessimamente explorado, seria a competencia; esta, porém, estava excluida pelos favores, pelas subvenções ontorgadas desde a criação daquella empresa até os nossos dias, creando para a companhia uma situação de superioridade indisputavel, accrescida pela nacionalisação da cabotagem. Dahi resulta a pobreza de meios de transporte maritimo.

A reorganisação do Lloyd, como foi delineada pelo estimavel eugenheiro, é, sem contestação, um bello plano, delineado com segurança, com intenso conhecimento da materia, com a condição de ser realizado sem augmento de subvenção, que seria contra a indicação dos factos, contra o intuito essencial de abrir os nossos portos e nossos mares territoriaes á plena, á livre expansão da iniciativa industrial, sob um regimen de absoluta egualdade, tanto para as empresas maritimas como para as fluviaes.

A Companhia do Amazonas foi, cerca de trinta annos, um magnifico propulsor do commercio da Amazonia; ella foi o pioneiro da conquista da mais vasta rede fluvial do mundo, mas essa funcção esmoreceu, pouco a pouco, com a concurrencia de empresas não subvencionadas e está hoje completamente abolida, transformando-se num obstaculo á multiplicação dos meios de transporte fluvial que actualmente é feito por centenas de vapores particulares. Além de orgão de obstrucção, a Companhia do Amazonas foi e continúa a ser um instrumento de politicagem, e tempo houve em que não podia pleitear uma eleição o partido que não dispuzesse do concurso dos vapores da Companhia. Esse serviço eleitoral era pago com subvenções normaes, extraordinarias, de todo o feitio, sem que por isso os respectivos accionistas recebessem dividendos correspondentes ás enormes receitas que realizavam, ao passo que

as empresas fluviaes particulares prosperavam e fizeram a riqueza de seus proprietarios.

Na costa como no Amazonas, as mesmas causas produziram identicos effeitos negativos para o capital e, o que é mais nocivo, desacreditando a industria de transporte maritimo no Brazil.

Já é tempo de cortar as relações dessas empresas com os cofres da Republica: ellas pôdem ser comparadas a bezeros maulosos que se tornaram bois velhos e ainda fazem de mamótes a sugarem as tétas da vacca do thezouro. A mama que é um direito do monjolo, é um crime do barbatão.

Nós somos admiradores do talento, da capacidade e da iniciativa empreendedora do illustre sr. Buarque de Macedo; não lhe regatearemos louvores merecidos pelo vasto plano que desenvolveu, com raro brilho, perante a commissão de lycurgos da Camara; mas pensamos que s. ex., para prestar um inestimavel serviço ao paiz, poderia limitar-se ao tratamento energico, radical, dos achaques chronicos, dos inveterados abusos que perturbam a funcção economica do Lloyd, saneando-o. Restabelecido o credito dessa empresa com os seus actuaes recursos financeiros, o capital affluirá sem temor para o desenvolvimento do serviço, que é ainda uma opulenta mina, um negocio de incomparaveis vantagens para quem o explorar honestamente, mesmo sem o maravilhoso bafejo official.

POJUCAN.

### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Os trechos, citados no anterior artigo, e outros, que constam do livro, revelam que o sr. Manoel Bomfim faz da Hespanha e Portugal, da sociedade iberica, em summa, uma especie de monstrengo historico, taes e tantas são as singularidades com que brinda aquellas gentes.

Dest'arte, anomala originalidade se lhe antolha a conquista arabe e a respectiva reconquista néo-gothica.

E' por não advertir que outros phenomenos do genero se repetiram durante o periodo da formação das nações modernas. Bem depois das grandes invasões dos barbaros, quando os modernos povos se iam constituindo,

varios delles tiveram interrompida sua evolução normal pela invasão e conquista de populações estranhas.

E' o caso da **Russia** com os tartaros e mongóes, que, nos seculos XIII, XIV e XV, allí estacionaram e deram tremendos trabalhos para serem extirpados, e isto só em parte, pois cruzaram intensamente com as populações slavas.

E' o caso das terras que fórman a Hungria de hoje.

Ahi, o velho elemento aryano de romanos, slavos e germanos foi de todo submettido, recebendo o jugo e a lingua do vencedor do Madgyar.

Caso este ainda mais aspero do que o da Hespanha, que se approxima mais ao da **Russia** e ainda mais do da Grecia e Imperio Bysantino.

Conquistada toda a região balkanica pelos turcos, mahometamos como os arabes, só aos poucos e aos pedaços é que se váe fazendo a reconquista, embaraçada, é certo, pela politica européa dos ultimos tempos com o seu famoso *equilibrio*.

Grecia, Valaquia, Moldavia, Bulgaria, Servia, Montenegro, que, pouco a pouco, e, a intervallos mais ou menos longos, se teem constituido independentes, estão para naquellas zonas deante dos turcos nas mesmas condições em que Asturias, Oviedo, Leão, Navarra, Castella, Aragão, Galliza e Portugal estiveram na peninsula em face dos arabes.

Não é tudo; a Inglaterra depois de, mais ou menos, constituida pelos saxões, teve de soffrer a invasão dos *anglos*, e depois a dos *dinamarquezes*, e mais tarde a dos *normandos*.

Já não falando nos *celtas* e nos *gutas*, que os *saxões* tiveram de reduzir em terriveis luctas, uns após outros, os embates com os *anglos* e os *dinamarquezes* fôram tremendos; a pugna com os *normandos*, em pleno seculo XI, custou a quéda da realeza nacional e a perda da independencia da patria. Parecia que tudo tinha acabado de uma vez, que se ia repetir o caso da Hungria, e os conquistadores iam assimilar os vencidos.

Foi o contrario o que se deu: a tenacidade saxonica acabou por absorver completamente os seus inimigos!

A Inglaterra e a Hungria constituem, pois, os dois casos extremos: allí, foi o vencido o assimilador; aqui, este papel coube ao vencedor.

Na Hespanha, como na **Russia**, como nos Balkans, as raças antagonicas não se fusionaram sinão parcamente e os vencedores fôram recuando aos poucos até total expulsão para além do sólo conquistado.

Na Hespanha, durou pouco mais de sete seculos o duello; na **Russia**, mais de tres; nas terras bysantinas, na Turquia de hoje, váe por quatro se-

culos e meio, e promete continuar talvez por um, ou dois, ou tres..

Por ali vá vendo o sr. Bomfim que um pouco de historia comparada seria sufficiente para reduzir consideravelmente as espantosas originalidades com que o parasitismo o anda a inquietar nas Hespanhas.

Outra grande originalidade das gentes ibericas para o interessante discutidor do *ciúme*, é a attracção, o impulso irresistivel que as atiron ao mar, ás descobertas e conquistas.

Para o nosso auctor, tudo aquillo não passou da *tendencia parasitaria* que impellia os povos hispanicos atraz dos arabes vencidos no empenho de pilharem, como elles pilhavam, as riquezas do oriente.

Si o jovem escriptor tivesse um pouco mais de conhecimentos de historia universal e, nomeadamente, de historia da ultima phase da edade-média, não seria tão superficial e leviano na falsa caracteristica por elle traçada dos compatriotas de Cervantes e Camões.

Veria que o commercio do Oriente e das regiões tropicaes foi, desde a mais remota antiguidade, a aspiração universal; que o periodo arabe, nesse commercio, representa apenas um reduzido episodio; que os sarracenos, substituidos pelos venezianos, genoveses, pisanos e amalfenses, principalmente os primeiros, já tinham, havia muito, deixado a concorrência quando chegou a vez dos portuguezes; que o espirito de cavalleria, ultima phase do fendalismo desde as cruzadas, foi, talvez, o principal propulsor das descobertas e conquistas; que castelhanos e aragonezes entraram nesse caminho tarde e a contragosto.

Não houve em tudo isso impulso nenhum de parasitismo.

As relações dos europeus com o Oriente fôram entretidas pelos phenicios. Mais tarde, o fôram pelos gregos, cartaginezes e romanos.

No começo da edade-média, todo o commercio do Mediterraneo, caminho natural do Oriente, estava a cargo da marinha dos bysantinos.

Com as conquistas arabes na Asia anterior, no norte d'Africa e no sul da Europa, tiveram os homens de Byzancio de contar com esses novos concurrentes. Com o auxilio da cavalleria e das gentes teutonicas, que procuravam participar das vantagens da mercaucia oriental, Veneza, ponto intermedio magnificamente bem collocado, cresceu e entrou com gallardia na liça.

Dest'arte, no segundo periodo da edade-média, bysantinos ao léste, venezianos ao norte e arabes ao sul partilhavam entre si a navegação mediterranea, interposto do famoso commercio.

Foi desde esse periodo que se desenvolveram as famosas republicas italianas de Veneza, Genova, Pisa, Analfi, Florença e outras; foi nessa epocha que prosperou extraordinariamente a celebre *Liga Hanseatica* do norte, em que entraram mais de oitenta cidades. Mas essa phase da concorrência de bysantinos, arabes e italianos foi curta. A cavalleria do norte arredou da arena os dois primeiros grupos de contendores e deixou os italianos sós na lucta, da qual se retiraram após as invasões e conquistas dos turcos, que tomaram todos os caminhos do oriente.

O grande surto do commercio mediterraneo nos seculos XIII, XIV e metade do XV, a cargo das cidades do sul, era, em grande parte, sustentado pelo desenvolvimento do commercio da Hansa do norte.

Lisbôa era o ponto de convergência dos dois movimentos, como já uma vez alvitrei por simples indução (1) e vejo agora confirmado pelo grande mestre Henrique de Tourville, no seu recentissimo livro de *Historia da Formação Particularista*.

Na impossibilidade de transcrever as bellas paginas por elle consagradas á *cavalleria*, ás *cidades livres italianas* e ás *cidades livres do norte*, não me furto ao prazer de resumir aqui a bella lição sobre a convergência daquelles tres movimentos no facto historico do descobrimento das *Indias Orientaes e Occidentaes*.

O insigne continuador de Le Play lança uma luz nova neste velho assumpto e bem claro se vê como anda asphyxiado em trevas o sr. Bomfim, com o seu *parasitismo*, que seguia o arabe para depredar com elle na inexgottavel matriz oriental.

«A apreciação do descobrimento das Indias Orientaes e Occidentaes, escreve de Tourville, liga-se naturalmente ao estudo comparativo da evolução de Veneza, da Liga Hanseatica. Dissemos que os productos dos tropicos e regiões vizinhas fôram em todas as phases da historia, o grande e incomparavel objecto do commercio. Comprehendemos por esse facto as vantagens de Veneza e por elle apreciámos devidamente a singular energia vital que a Liga Hanseatica teve de tirar de sua propria formação particularista para chegar a uma tão alta prosperidade commercial sem ter tido o accesso das regiões tropicaes.

Mais viva, porém, mostraremos a importancia do commercio dos tropicos, quando o vimos fechar-se para Veneza, abatida por esse golpe, e abrir-se aos povos do norte, que nelle acharão a origem de seu extraordinario desenvolvimento actual.

Para se bem comprehender as rela-

ções da Europa com os tropicos, mister é examinar a carta do mundo.

A região tropical está comprehendida entre os vinte e tres primeiros grãos e meio ao norte e ao sul da linha equatorial. Póde-se considerar como estendendo-se até o trigesimo grão ao norte e ao sul desta linha a região similar, caracterizada por uma temperatura de 20 grãos acima de zero na média annual. Uma simples ollhada lançada na carta faz immediatamente ver a que distancia desta zona está a Europa impellida na direcção do norte.

Não é tudo: si se reparar que especies de terras directamente abaixo da Europa se acham na zona tropical, ver-se-á que mostram condições mui defeituosas.

Apresenta-se primeiro o deserto do Sahara; mais abaixo, o Soldão, centro continental de difficilissima penetração. Surgem após as florestas equatoriaes; para além, no outro hemispherio, reproduzem-se inversamente as mesmas condições.

Si da Europa nos transportamos á Asia, veremos, ao contrario, os paizes de natureza tropical, a India, a Indo-China, a Persia meridional e a Arabia, decotarem-se sobre o mar e tornarem-se accessiveis por longas e numerosas praias.

Todas essas regiões, exceptuado o deserto arabico que o commercio não ha mister atravessar são adrede regadas para a producção dos generos dos tropicos.

A conclusão resultante deste exame é simples: os paizes tropicaes praticaveis e productivos estão, relativamente á Europa, não ao sul, sinão ao oriente.

Donde provém serem as producções dos tropicos designadas na Europa não com a denominação de generos do sul e sim do Oriente e este é o motivo da fama do commercio do Levante.

Os povos europeus tem para chegar ao Oriente um caminho dos mais commodos, o Mediterraneo, cujo elogio não é preciso repetir.

Essa mar não penetra, porém, nos paizes asiaticos de producções tropicaes; e por este motivo os europeus não poderam, por tal via, fazer o commercio dos tropicos, sem entrar em relações com as gentes que occupam o intervallo entre o Mediterraneo e os paizes longinquos.

Convém conhecer, pois, quaes eram, na edade-média, na região intermedia, os habitantes e os caminhos.

Toda essa região estava sob o dominio dos arabes, ou de povos por elles assimilados — seldjucidas, tartaros e outros estabelecidos nos sertões da Asia anterior.

Ao passo que a invasão germanica tomava posse da porção occidental da



Europa e a invasão slava se estendia na porção oriental, o enorme transbordamento arabe, iniciado por Mahomet, se dilatava pelo meio-dia desde o Caspio aos Pyrenens.

Toda a Europa e o reconcavo asiatico e africano do Mediterraneo achavam-se partilhados entre tres grandes grupos de populações: os germanos, os slavos e os arabes. Neste circulo de *barbaros* estava encravado o ultimo resto do imperio romano, com o appellido de imperio grego ou bysantino, reduzido ás costas da Asia Menor e ás velhas regiões da Thracia, da Macedonia, da Grecia e da Grande Grecia.

Facil é comprehender quão aptos eram os arabes, educados na sua peninsula no duplo officio de nomades transportadores e de sedentarios commerciantes nas costas maritimas, para o papel, no commercio europeu, de intermediarios entre o Mediterraneo e as regiões tropicaes no oriente.

As tres grandes vias de penetração da bacia mediterranea para as terras tropicaes asiaticas são, os valles do Euphrate, do Nilo e do Oxus, o Amú-Daria de hoje.

Durante a mór parte da idade-média, os arabes fôram os senhores desses tres famosos caminhos; nada mais lhes poderia convir do que apoderarem-se do proprio Mediterraneo.

Tentaram-no com fortuna varia.

Os que primeiro se apresentaram para embargar-lhes o passo fôram os bysantinos, habéis marinheiros desde os aureos tempos gregos e que no começo da era mediéval tiveram o monopolio do commercio mediterraneo.

Na lucta, os arabes levaram a melhor e chegaram a despojar os seus rivaes das possessões do sul e do oriente do Mediterraneo: Chypre, Creta, Sicilia, Sardenha, Hespanha, littoral africano, Egypto e Syria.

Os bysantinos ficaram reduzidos ao mar Egeu e ao golpho de Tarento.

Não lograram, porém, fazer acceitar seu commercio maritimo nas costas septentrionaes do Mediterraneo, occupadas pelas gentes germanicas.

Em tal conjunctura, Veneza protegida por suas lagunas, no fundo do Adriatico, fez sua a clientela do mundo germanico.

Pôde, com pouco esforço, fechar aos arabes o mar que dominava. Bysantinos, arabes e venezianos partilhavam, pois, entre si, o Mediterraneo: bysantinos — o norte oriental; arabes — o sul; venezianos — o norte occidental. Veneza, simples republica originada de pantanos e alagadiços, foi durante muito tempo a mais modesta dentre essas tres potencias maritimas.

Mas tudo tinha de mudar quando seus protectores entrassem, sob a fórma da cavalleria, no Mediterraneo. Os normandos de Roberto Guiscard

começaram por tomar a Grande Grecia aos bysantinos e a Sicilia dos arabes. Depois, os cruzados conquistaram a Palestina, a Syria e a mór porção do imperio de Constantinopla.

Com São Luiz, ameaçaram as costas egypcias e africanas. Foi a ruina do commercio dos bysantinos e dos arabes: o campo ficou livre dos venezianos e alguns de seus emulos, irmãos de raça — e occidentaes como elles — genovezes, pisanos e amalfenses. Foi, portanto, á cavalleria que se deveu a victoria do commercio dos occidentaes sobre o dos arabes e dos gregos no Mediterraneo.

Mas este restabelecimento do commercio do Occidente para os tropicos repousava em base fragil: a cavalleria. Os arabes tinham ficado, além disso, senhores dos sertões intermedios entre o Mediterraneo e os paizes tropicaes. Essa má situação aggravou-se profundamente com a entrada em scena dos turcos, isto é, com as populações do Turkestan, que tendiam, de longo tempo, a supplantar os arabes. Originarios da grande steppe central da Asia, não estavam preparados para o trafego mercantil, como seus predecessores; primitivas e grosseiras, tornavam-se unicamente militares e dominadoras, desde que saíam do isolamento de suas pastagens. Em 1254, os mamelucos, milicia composta de turcos, apoderou-se do governo do Egypto. Em 1299, os turcos ottomanos estabeleciam no centro da Asia Menor seu imperio em Koniéh, a antiga Iconium. Sabe-se como, sob o grosseiro esforço dos mamelucos no meio-dia e dos ottomanos do norte, todo o oriente do Mediterraneo foi subtraído aos latinos e aos gregos, aos cavalleiros, leigos ou religiosos, aos mercadores de Veneza e de Genova. Esta celebre historia marca o inicio da idade moderna.

A invasão dos turcos tem um alcance maior que as causas interiores e intrinsecas da decadencia de Veneza, porque, si o Oriente tivesse ficado de livre accesso aos occidentaes, Veneza, caída por sua má organização social, teria podido ser substituída, no commercio do Mediterraneo, por alguma outra cidade maritima, socialmente melhor constituída. O que, porém, morreu com o acontecimento lembrado não foi só Veneza, foi de um modo geral o commercio pelo Mediterraneo com os povos intermediarios entre elle e os tropicos. Muito mais conquistadores e piratas que os arabes, os turcos não conservaram esse commercio. Mistér é explicar a razão pela qual os europeus, que não podiam para todo sempre abrir mão do commercio dos tropicos, não fizeram um supremo esforço para manterem o accesso do Oriente pelo Mediterraneo.

Aqui é preciso voltar ao exame da casta. Existe na extremidade occidental da Europa um paiz que mostra singulares similitudes com a Syria — é Portugal. E como a Syria estende sua linha de praias e portos ao fundo do Mediterraneo, Portugal alonga, quasi parallelamente, sua linha de praias e portos antes da entrada daquelle: parece uma Syria projectada ao Occidente á frente do famoso mar.

Ainda mais significativa é esta aproximação pelo facto singular de que, assim como o commercio interior do Mediterraneo achava o fim de sua derrota nas costas da Syria, de igual fórma o commercio do Mar do Norte, do Baltico e do Atlantico deparava o fim de sua rota nas praias de Portugal. Era allí que vinha, de facto, acabar a acção da *Liga Hanseatica* que se dilatava de Novogorod a LISBÔA. Era em LISBÔA que a marinha do Norte encontrava o Oriente: a partir dalli, Veneza lhe servia de intermediario através do Mediterraneo». (*Histoire de la Formation Particulariste*, pag. 415 e segts.)

Esta é que foi a ordem natural dos factos. Surprehende-se a marcha successiva da historia do commercio entre a Europa e o oriente por meio do Mediterraneo durante os dez seculos da idade-média. O periodo bysantino, o arabe e o veneziano destacam-se com nitidez e bem se comprehende a entrada natural da gente portugueza na liça a demandar os tropicos pelo Atlantico, quando imprestavel se havia tornado o caminho do Mediterraneo.

O sonhado *parasitismo* dos povos ibericos nada tem a ver na successão e encadeiamento dos factos. Basta fazer o synchronismo destes para arrancar os ultimos trapos que encobrem a nudez da doutrina do dr. Manoel Bomfim.

Quando os portuguezes se atiraram ao mar, se davam as seguintes circumstancias, cada uma das quaes é bastante para derrocar a explicação plantasista do escriptor sergipano;

a) Havia mais de dois seculos que estavam completamente livres dos arabes;

b) Havia mais de dois seculos que estes tinham perdido o dominio no Mediterraneo;

c) Egnal lapso de tempo já tinha decorrido desde que os turcos os tinham, quasi completamente, supplantado na Asia Menor. Junte-se a isto o memoravel facto de que o ultimo e decadente Estado sarraceno da peninsula — o reino de Granada — desde muitos seculos, não dependia dos kalifados do Oriente, nem exercia a minima influencia na sociedade, na politica, nas idéas, na vida das populações christãs.

Explicar, portanto, a evolução na-

turalissima levada a cabo pelos portuguezes como um producto de *parasitismo*, fazer desses occidentaes umas especies de *carrapatos*, de *rodeleiros* pegados aos corpos dos arabes para com elles irem ao Oriente, é dar provas extremas de completa ausencia de senso historico.

Cumpra não esquecer que a evolução atlantica do commercio para o Oriente é feito exclusivamente portuguez; porque, pondéra Prévile, das tres regiões naturaes da península, constituidoras dos tres Estados independentes nas ultimas phases do seculo XV — Portugal, Aragão e Castella, o primeiro é que se lançou ao Oceano com larga antecedencia. Aragão fez, durante seculos, o commercio maritimo no mar interior, no Mediterraneo; Castella era terra de creadores, que só no extremo norte e extremo sul tinha raros portos pouco utilizados no periodo historico em debate.

Tarde, e a contra-gosto quasi, após muitas reluctancias, depois da união dos dois Estados, é que os hespanhóes se resolveram a lançar-se ao Atlantico sob o mando de Colombo.

Póde ali haver de tudo, menos o azogado *parasitismo* do dr. Bomfim.

SYLVIO ROMÉRO.

(1) Vide Conferencia sobre Pinheiro Chagas.

## D'AQUI E D'ALLI

Congressos  
internacionaes

Multiplicam-se de uma maneira espantosa os congressos internacionaes. Durante a Exposição de Liège realizaram-se os de educação e protecção á infancia, de reproducção de manuscriptos e de medalhas, a reunião dos advogados e a conferencia internacional da escola das exposições, presidida por Léon Bourgeois. Outros congressos se reuniram tambem: dos estudantes, dos professores, o decimo dos criminalistas em Hamburgo. Em Milão, trinta e duas nações se fizeram representar no congresso da navegação. Buda-Pesth foi a séde de mais alguns: dos ministros plenipotenciarios, dos veterinarios e da conferencia penitenciaria internacional, onde fóram adoptadas as idéas de fundação de estabelecimentos especiaes de detenção para irresponsaveis e de observação para meninos viciosos. Ainda mais outros congressos appareceram: o de accidentes de trabalho e segurança social, de Vieuna, o do christianismo liberal e progressista, de Genebra; em Christiania, a associação de direito internacional; depois em Bruxellas as camaras de commercio, uma outra de cirurgia. Os inventores, ainda

na Belgica, renniram-selpara proteger os seus direitos. Finalmente, em Pariz, o congresso de livre-pensamento e, sob a presidencia do sr. Loubet, o grande congresso internacional contra a tuberculose.

\* \*

Os livros estran-  
geiros  
no Japão

Os japonezes fizeram conhecer numa estatistica o numero de livros que entram no imperio cada anno desde 1902. A Allemanha occupou o primeiro logar em 1902; depois, ceden a ponta á Inglaterra, que mandou para o Japão, nos dois ultimos annos, mais de 480.000 livros. Os Estados-Unidos teem na lista o terceiro logar e, em muito breve, estarão acima da Germania. Pouco augmentou a França; os japonezes não apreciam as novellas parisienses, preferem o *humour* inglez ás *pochades* gaulezas. Logo abaixo, vem a China com 11.200 livros, em 1904. A Belgica e a Russia succedem-se nas ultimas linhas da estatistica; a terra do czar levou ao Japão, o anno passado, cerca de 1.200 obras.

\* \*

Vaidade  
feminina

Segundo uma paciente estatistica, parece que uma mulher, começando dos seis annos até aos dez, passa, cerca de sete minutos por dia, deante do espelho. Dos dez aos quinze, emprega, nesse trabalho, um quarto de hora e, dessa idade aos vinte annos, gasta uns bons trinta minutos. Ao partir dos vinte, quasi todas as senhoras param uma hora por dia ante o seu confidente favorito. Depois de ter feito os sessenta annos, ellas não ficam defronte do espelho mais que dez rapidos minutos. Em resumo, a mulher, depois de uma certa idade, não perdeu, a se mirar durante toda a sua vida, sinão sete mil horas, ou quasi dez mezes.

\* \*

Destruição dos  
insectos  
pela electricidade

Um sabio russo, membro da sociedade tecnica de Odessa, o dr. Lokurejenski, inventou um apparelho que permite, em todos os climas, destruir as larvas dos insectos durante a sua formação. Consiste esse apparelho em um dynamo que póde produzir uma corrente electrica bastante forte. Colocado num pequeno carro, de modo que toque na terra, elle presta muito bons serviços, matando os insectos que tanto estragam as plantações. Escovas metalicas fixadas no apparelho penetram na terra enquanto o vehiculo está andando e produzem a corrente, estando as escovas em comunicação com o dynamo. A corrente electrica, espalhando-se so-

bre a superficie do sólo, penetra até uma certa profundidade e attinge as larvas que ella destróe completamente.

\* \*

Um grande  
romance guer-  
reiro

Paul Adam escreveu mais um romance, *Com-bats*, que encerra, ligadas por ligeiros dialogos, oito narrativas de guerras modernas. Passa-se em diversos logares a acção: durante a campanha da Italia, no segundo imperio, defronte de Sebastopol, em 1870, em Tonkim, num districto macedonio, na Mandchuria e a bordo duma torpedeira japoneza que atacou a esquadra de Porto Arthur na famosa noite de 8 para 9 de fevereiro do anno passado. Camillo Mauclair critica muito lisongeiramente o livro. Assim termina elle a sua apreciação na *Revue Universelle*: Conhecia-se na *Batalha de Uhde*, no fim do *Mysterio das multidões* e na *Força* as poderosas faculdades descriptivas que Paul Adam traz para a evocação da guerra. O seu impressionismo minucioso e a sua estranha maneira de synthetizar tudo unem-se curiosamente para nos mostrar, um por um, os grandes planos tragicos e os accidentes individuaes. Pela simultaneidade quasi cinematographica das notas, dos detalhes em estylo nervoso, conciso, febril, elle reconstitue com uma vivacidade e uma verdade admiraveis, o estado d'alma do soldado no cataclysmo. Póde-se considerar o presente livro como uma série de estudos para os seus grandes romances futuros e esses são «pedaços de pintura», dum entusiasmo soberbo e duma interessante variedade. E' preciso admirar os jogos dum talento superior que sabe evocar, em algumas palavras, toda uma payzagem e mostrar sempre uma idéa geral em suas visões de vida intima. Ha, entre outras, uma scena que se passa na cupola encouraçada dum forte de Porto Arthur e que é uma perfeita obra prima psychologica e descriptiva, uma perseguição de Pavilhões negros, pelos arzoaes, duma impressionante selvageria e um combate duma *setnia* na neve, de sinistra e sombria belleza. A arte prestigiosa do escriptor sabe tomar partido até da concisão dum relatório de estado maior; é a guerra verdadeira, dita por um lyrico, que, não se sabe como, conta todos os episodios com uma exactidão scientifica de admirar.

\* \*

Carros  
irrigadores

Desde alguns annos que as cidades dos Estados Unidos, onde a energia electrica está tão abundante e espalhada e onde todas as ruas são

cortadas por bondes electricos, pos-suem *tramways* para a irrigação rapida e intensa das vias publicas.

Effectúa-se esse trabalho geralmente á noite ou, então, pela madrugada quando os transeuntes não se arriscam a ficar molhados pelo enorme jacto d'agua, que, debaixo de forte pressão, limpa as calçadas e os passeios.

Na Europa, esse systema de irrigação acaba de ser adoptado em Milão, que já tem uma grande rêde de carros electricos dum desenvolvimento de 150 kilometros. Depois da adopção dos carros irrigadores, todas as manhãs, ás cinco horas, a lavagem da cidade inteira é feita, em menos de uma hora, pelos vehiculos cisternas que rodam rapidamente pelas ruas desertas.

### O Positivismo e os phenomenos psychicos occultos (1)

O estudo do homem individual, apontado pela sabedoria theocratica como o fim supremo de todas as cogitações do espirito humano e systematicamente elevado por Augusto Comte á categoria de uma sciencia positiva, epifogo objectivo e preambulo subjectivo de todas as outras, é o vasto campo onde se apreciam os mais nobres attributos, os mais complicados e especiaes que revelam os seres conhecidos.

E' na Moral, nessa sciencia das sciencias, que se agrupam os phenomenos vulgarmente chamados psychicos.

Entre elles, a sciencia positiva, assimilando os resultados adquiridos pelos pensadores theocraticos, pelo sacerdocio medieo e pelos philosophos modernos, como Cabanis, classifica os admiraveis e surprehendedentes effectos da acção do moral sobre o physico, do espirito sobre a materia, do cerebro sobre o corpo.

Enquanto os scientistas officiaes, entrincheirados nas corporações academicas, taxavam de charlatanismo os factos psychicos, apreciados por Cabanis e seus precursores, o genio do Aristoteles moderno incorporava-os definitivamente ao saber positivo, resumindo todos os idéaes, sobre o momentoso assumpto, na audaciosa utopia da Virgem-Mãe. O doutor universal manifestou até opinião decisiva sobre taes phenomenos, referindo-se aos celebres estigmas de S. Francisco de Assis.

«Vossas recentes questões, escrevia elle a um dos seus discipulos, indicam uma confusão especial, onde influencias exteriores essencialmente chimericas tornam-se a fonte de pheno-

menos incontestaveis, embóra muitas vezes exagerados e mal apreciados, devido á reacção contínua do cerebro sobre o corpo. Sou, por exemplo, tão disposto, como os italianos, a crêr nos estigmas excepçoes que precederam á morte do incomparavel reformador do seculo XIII, mas vendo nisso um simples resultado dessa reacção, num organismo eminentemente impressionavel, sem nenhum mysterioso impulso do exterior. Sob estes aspectos, como sob os precedentes, aconselho-vos que espereis os esclarecimentos e desenvolvimentos naturalmente proprios ao segundo volume da *Synthese Subjectiva*, que será concluido no anno proximo para apparecer em outubro de 1858.» (2)

Desgraçadamente não se cumpriram os votos do egregio philosopho. Uma prematura morte, a 5 de setembro de 1857. deixou inacabada a ultima obra da sua immortal trilogia: a *Philosophia*, a *Politica* e a *Synthese*.

O *Tratado de Moral*, onde se deviam desenvolver suas grandes concepções sobre o homem individual, suas apreciações sobre os attributos psychicos, não foi escripto. Entretanto, o que deixou contido, em *synthese*, nos seus tratados, opusculos e cartas, é o bastante para se reconhecer nelle o creador da verdadeira psychologia scientifica que é a Moral Positiva.

Um dos seus mais eminentes discipulos, o sabio medico dr. Georges Audiffrent, em dois notaveis tratados, desenvolveu admiravelmente as idéas principaes do Mestre sobre a sciencia do homem. No ultimo delles, publicado em 1874 e denominado—*Das molestias do cerebro e da innervação, segundo Aug. Comte*—apreciou especial e directamente muitos factos psychicos, que receberam então uma explicação positiva. (3)

Foi depois que o Fundador do Positivismo libertou do dominio theologico-metaphysico o estudo das relações entre o physico e o moral do homem, que Charcot, Bernheim e outros scientistas, revelaram officialmente, sob os nomes de hypnotismo e suggestão, a verdade dos factos, que, até então, as camarilhas academicas haviam rejeitado.

Mas as manifestações psychicas não se limitam, na opinião de scientistas como Crookes, Wallace e Richet, a simples effectos do moral sobre o physico em um mesmo individuo, mas ainda a acções exteriores, ligadas á presença immediata ou mediata de um determinado *sujeito*, de um *medium*, segundo a linguagem consagrada.

São os phenomenos que Aksakoff chama — *mediumnicos*, que ordinariamente se denominam — *espiritas* e mais modernamente — *psychicos-occultos* ou *hyper-psychicos*.

Dessa categoria de factos ha varias classificações, como as de Crookes, Aksakoff, Gibier e Richet. Seguimos a deste ultimo, transcripta num livro recente de Albert Coste.

São cinco os grupos distinctos dos factos mediumnicos:

1º Os factos de *telepathia*, isto é, aquelles em que um phenomeno foi sentido por A, enquanto B experimenta o mesmo phenomeno (ou um phenomeno analogo), sem que A tivesse sido advertido disso. As allucinações veridicas entram no grupo dos phenomenos telepathicos;

2º Os factos de *lucidez*, isto é, o conhecimento por um individuo A de um phenomeno qualquer, não perceptivel nem cognoscivel pelos sentidos normaes, fóra de qualquer transmissão mental, consciente ou inconsciente. Por exemplo: o somnambulo A vê um incendio que se passa a 25 kilometros de distancia, quando entre os assistentes ninguem percebe o incendio;

3º Os factos de *presentimento*, isto é, a predicção de acontecimento mais ou menos improvavel, que se realiza dahi a algum tempo e que nenhum dos factos permite prevêr;

4º Movimentos de objectos materiaes não explicaveis pela mecanica normal, taes como: deslocação de objectos, sem contacto, levantamento de mesas, etc.

5º Fantasmas e aparições manifestadas objectivamente, isto é, de modo tal que não seja possivel explicarem-se pela simples allucinação do percipiente. Neste grupo entram as photographias de fantasmas, as allucinações collectivas, etc.» (4)

Todos esses factos, que scientistas modernos affirmam ter verificado experimentalmente, são descriptos e relatados em livros e tradições das mais velhas theocracias do Oriente. Os magos da Chaldéa como os brahmanes da Índia, no dizer de varios auctores, conheceram e praticaram as maravilhas que a sciencia occidental, uma vez que as constate, não deve repellir mas explicar, rejeitando só o modo theologico-metaphysico de interpretal-as.

Deante de acontecimentos tão extraordinarios como os que se classificam nos cinco grupos de Richet, o espirito, sem querer, espanta-se, e, si não for bem forte, não duvidará entregar-se ás mais vulgares superstições. Theophile Gautier já o disse numa das suas brillantes paginas: «O espirito humano, por mais emancipado que seja, tem sempre um canto onde se escondem as chimeras da credulidade e se agacham os morcegos da superstição.» (5)

Mas, si reflectirmos, si meditarmos com attenção, illuminados pelos prin-



cipios da philosophia positiva, sempre relativa e humana, nunca absoluta e divina, tudo se dissipará.

Os phenomenos psychicos occultos só se manifestam em certas condições determinadas bem características; resumem-se fundamentalmente na presença do *medium*, isto é, um ente humano, sem o qual os factos occultos se não realisariam. E' por isso que Aksakoff, espirita convencido, reuniu todos os acontecimentos deste genero sob a denominação commum de *mediumnismo*. (6)

Sem aquelle individuo, collocado em condições cerebraes especialissimas, determinadas pela acção do moral sobre o physico, revelada no estado de *trance*, os phenomenos hyper-psychicos, não se manifestariam, principalmente os que o escriptor russo considerou essencialmente espiritas, como as materialisações e a escriptura directa. Sem a força neuro-psychica de Home, Slade, Eusapia Paladino, Miss Cook e outros, as celebres experiencias de Crookes, Zöllner, Gibier, Aksakoff, Richet, nunca existiriam.

Perante attributos tão surprehendedentes, revelados nos tempos mais remotos pelos *mediums* da epocha, como ainda hoje são os *fakires* da India, o espectador primevo, aquelle que não dispunha de theorias para explicar os factos nem de factos para formular theorias, resolveu a difficuldade recorrendo ás explicações ficticias. São os deuses que regulam tudo; são os anjos, os genios, os espiritos, os seres invisiveis que governam o cosmos e o homem. Por elles, o fakir faz a germinação accelerada da semente, o asclepiade cura molestias insanaveis, corpos vibram com pancadas mysteriosas e se erguem do sólo rompendo as leis da gravidade. (7)

Mas nessa epocha primitiva não eram só as qualidades espiritas as unicas explicadas pelas revelações theologicas. A astronomia de hoje se reduzia então a simples astrologia. Não se conheciam as leis geometricas e mecanicas dos astros; a geometria e a mecanica não tinham nascido, mas julgavam-se os corpos celestes sujeitos á vontade arbitraria dos deuses e outras ficções, influindo todos na existencia physica e moral dos homens que eram mais ou menos felizes seguindo a vontade absoluta de um fetiche ou de uma divindade.

O raio era um deus ou um effeito da colera divina. Todos os phenomenos desde os mais simples attributos celestes até os mais complicados e maravilhosos effeitos psychicos ou moraes, eram attribuidos a seres inexplicaveis. A ignorancia das leis impunha a investigação das causas. A tudo se perguntava porque e a tudo respondia-se pretendendo explicar o

facto inexplicavel por meio de outro inexplicavel tambem, mas acceto como causa absoluta, inanalysavel, indiscutivel.

Porque a lua se occulta numa noite de plenilunio, num céu sem nuvens? E' porque um deus, o dragão celeste, a envolve e esforça-se por trucidar-a nas garras; o astro lucha com o monstro; dahi o escurecer-se aos terricolos. E' uma explicação theologica do eclipse da lua. Não se sabe ainda estudar as condições do phenomeno, apreciar, no meio de todos os factos concomitantes, a relação constante que o define; ignora-se a lei e inventa-se a causa, julgando explicar o facto astronomico.

Entretanto, os tempos passam, as observações se multiplicam, e dos materiaes accumulados pelas gerações successivas começam a bruxolear os primeiros arrebóes da interpretação scientifica.

E' claro que todos os phenomenos sendo tanto mais difficeis de explicação quanto mais complicados se apresentam, as theorias correspondentes deviam guardar uma certa jerarchia no seu desenvolvimento.

Assim, as primeiras theorias scientificas fôram concernentes aos attributos mais simples e mais geraes da existencia material: o numero, a extensão e o movimento.

Emquanto os phenomenos de composição e decomposição das substancias, as propriedades vitaes, os factos de ordem social e moral eram considerados como regidos por vontades arbitrarias: deuses, genios, devas, espiritos, etc., as mais simples manifestações da materia revelavam a sua immutavel regularidade. Si um intellectual da Grecia acreditava que as revoluções e as epidemias eram flagellos impostos aos homens pela colera dos deuses, nenhum acreditava que a vontade divina interviesse na legislação numerica, geometrica e mecanica. O theorema de d. Juan, as leis angular e linear de Thales, o theorema dos tres quadrados, o principio da alavanca, eram fórmulas definitivas de uma explicação racional dos phenomenos correspondentes. Por ellas se podia prevêl-os e modificá-los, fóra de qualquer intervenção divina, de qualquer arbitrio chimerico.

Depois que os attributos mathematico-astronomicos se libertaram da tutela ficticia dos deuses e entidades, successivamente o fôram as manifestações menos geraes e mais complicadas da materia: as propriedades physicas, chiunicas, vitaes, sociaes e moraes.

Foi Augusto Comte que, completando e rematando as descobertas dos seus predecessores desde Thales até Bichat e Gall, estendeu a noção posi-

tiva de lei a todas as categorias de phenomenos, inclusive os factos politicos e moraes ou psychicos.

E' hoje um lemma fundamental da philosophia que toda investigação scientifica deve concernir á determinação accessivel das leis e nunca á pesquisa inaccessible das causas.

A evolução da Humanidade prova que a ordem universal é uma construção subjectiva, constituida pela totalidade das relações de successão e semelhança que regem as varias propriedades da materia morta ou viva. Ignoramos até hoje e ignoraremos sempre as causas priuarias e finaes, o porque de todas as existencias, de todos os phenomenos. Sabemos apenas que existem e conhecemos-lhes algumas das suas relações. Augmentar o numero destas, tornando melhor conhecida a ordem que nos domina, afim de modificá-la em nosso proveito, é o verdadeiro campo da investigação scientifica.

Comtudo, não é este o criterio geralmente admittido pelos scientists communs. Ainda hoje se mantém, embóra num menor grau, a opposição entre os dois modos de philosophar, peculiare á sciencia e á theologia ou metaphysica. Si muitos não acreditam mais que os eclipses e os trovões são productos de vontades arbitrarias, outros crêem, que por taes influencias se devem explicar a formação e movimento das sociedades, as molestias, os peccados, os vicios e os crimes. Quando repellem os agentes puramente diviuos, theologicos, os substituem por entidades equivalentes, por abstracções materializadas: a força vital, o fluido astral, etc. e outras creações tão inexplicaveis como os proprios factos que pretendem metaphysicamente interpretar.

São estes intellectuaes os que se chamam pomposamente livres-pensadores, aquelles a quem, na hora presente, está confiada a cultura isolada da sciencia.

Domina nelles o mesmo espirito metaphysico de éras remotas. Ignorando leis, procuram causas. Fazem hoje com phenomenos mais especiaes e complicados o que nossos velhos antepassados fizeram com os mais simples e geraes. E' a grande lei dos tres estados que preside a todas essas explicações.

Primeiramente os phenomenos são interpretados por agentes theologicos, em seguida por entidades metaphysicas e, por ultimo, segundo leis positivas. A velocidade desta evolução é proporcional ao grau de complicação das propriedades estudadas. Dahi, coexistirem explicações positivas dos attributos mais simples ao lado de interpretações theologicas e metaphysicas dos factos mais complexos.

E' o que resulta do estado mental da maior parte dos theoristas modernos.

Meio emancipados, apenas admittem leis positivas para os phenomenos mais geraes e mais simples, emquanto investigam as causas inacessiveis dos mais especiaes e complicados.

Os phenomenos mediumnicos ou psychicos occultos pertencem á categoria dos factos mais especiaes e complexos da phenomenalidade universal. Por isso estão expostos ainda ás divagações theologico-metaphysicas.

Admittindo a veracidade delles e considerando-os como puramente subjectivos ou tendo uma realisação objectiva (o que tudo não se acha real e geralmente provado), taes phenomenos fôram, são e serão sempre desconhecidos quanto á sua origem, finalidade e essencia intima. Qual a causa que os gera? Porque se manifestam a nossos sentidos? Qual o fim delles?

Todas essas questões são insolúveis, da mesma natureza que as correspondentes sobre outros attributos da materialidade ou da vida.

Assim como constatamos que ha corpos peizados, luminosos, electricos, vivos, sociaveis, intelligentes, virtuosos, sem sabermos porque pezam, são electricos, teem vida, sociabilidade, intelligencia e virtude, tambem constatamos (si realmente se constata, como affirmam varios cientistas) que ha corpos que levitam, ha materialisações e desmaterialisações, escripturas directas, etc, sem sabermos porque se dão essas manifestações.

Em todos os casos, o espirito verdadeiramente scientifico não indaga a causa dos factos, constata-os pela observação e pela experiencia, e, no meio da variedade delles, descobre a immutabilidade das relações que os ligam, isto é, as suas leis.

Por exemplo, verifica-se que todos os corpos tendem para o centro da Terra. Porque? Ninguém sabe. Diz-se muitas vezes — é porque a Terra os attráe; mas essa explicação redundante em interpretar o facto pelo proprio facto, por outras palavras enunciado. Porque os corpos cáem, ignoramos sempre.

Entretanto, no meio da infinita variedade de quedas, Galileu achou uma relação constante, apreciando simplesmente as condições do phenomeno: *o espaço percorrido varia com o quadrado do tempo*. Eis ahí a lei scientifica, positiva, verificavel experimentalmente. Por ella prevemos e modificamos o phenomeno correspondente, em proveito do mundo e da sociedade. E' o que podemos fazer e nos basta.

No emtanto, a causa do acontecimento physico, a sua natureza intima, nos escapam. Porque o corpo, em vez de cair, não sóbe? Porque não é outra

a relação entre o espaço e o tempo? Ignora-se. O que se constata, o que a experiencia prova, é que os corpos cáem e o espaço e o tempo guardam a relação achada.

Procedam assim os cientistas, preoccupados com os phenomenos psychicos occultos. Supponhamos que se prove a existencia real da levitação, que tal facto se harmonise com o da gravidade. Observados todos os casos de levitação, usada uma judiciosa experiencia, acha-se, por exemplo, este principio: *Em certas condições os corpos levitam na razão inversa do seu pezo e do cubo da distancia*. Porque levitam? Não se sabe. Constata-se o phenomeno e determina-se-lhe a lei correspondente.

Admittamos agóra a prova de todos os outros phenomenos occultos: as aparições, a escriptura directa, etc.

Desde que se conheçam, pelos processos logicos usados pela sciencia, as condições em que elles se realizam subjectiva ou objectivamente, não se tem mais do que descobrir as relações constantes que os regulam sem procurar-lhes as causas primordiaes, tão inacessiveis como as das propriedades mais elementares.

Por este meio podemos achar, por hypothese, que *um phantasma se forma tanto mais rapidamente quanto mais profundo fôr o somno do medium*. Eis ahí uma lei segundo a qual se geram phantasmas, si realmente taes factos são comprovados pelos processos scientificos.

Mas, dizem, como explicar essas aparições de individuos mortos sinão admittindo que, durante a vida, nelles coexistia ao lado do corpo uma outra materia immortal: a alma, o espirito, o fluido vital, a força psychica, etc.?

Respondemos que, admittindo mesmo taes factos se verifiquem, (o que não está realmente provado) factos que devem resultar, si fôrem verificados, de attributos ainda desconhecidos da nossa natureza moral ou psychica, a explicação dos espiritistas nada explica; só faz remontar a dificuldade, substituindo um mysterio por outro. De facto, como conceber a coexistencia em vida dessa dupla materia? Si os phenomenos chamados de materialisação e desmaterialisação espantam o observador, a interpretação espiritualista delles não é menos espantosa nem nos afasta do mysterio, que permanece o mesmo,

O facto em si, na sua essencia, é inexplicavel como qualquer outro já bem estudado e conhecido. Delle só podemos saber a lei reguladora depois que suas manifestações fôrem bem comprovadas, harmonizando-as com os dados da sciencia universalmente acceita e não pretendendo explical-as por hypotheses tão inexplicaveis como

os acontecimentos que procuram interpretar.

Tambem é um mysterio a formação das imagens nos espelhos. Porque deante de um espelho plano um objecto collocado váe apparecer integralmente no fundo do mesmo espelho, sem lá estar, e ser apenas percebido pelos órgãos visuaes? Não se sabe. Entretanto, o facto se reproduzindo sempre e apreciadas as condições em que se reprodúz, acha-se a lei immutavel que o regula: *a imagem é igual ao objecto, virtual, directa e symetrica*. Porque assim é? Ignora-se.

Com este criterio, que é o da philosophia positiva, todos os phenomenos, por mais surprehendedentes que nos pareçam, são ou serão explicados scientificamente.

O dever do cientista é determinar leis e não procurar causas; applicar aos phenomenos mais particulares do mundo psychico o mesmo criterio positivo que se applica aos mais geraes do mundo physico; maravilhar-se deante da rara aparição de um phantasma como na presença diurna do sol, mas descobrir no estudo de ambos as leis immutaveis que os regulam, ignorando sempre o mysterio inacessivel da existencia de um e de outro.

Não sabemos porque os sêres existem mas sómente como existem. Devemos estudar os factos que se nos manifestam sem nos preoccuparmos com a sua origem primaria, sempre mysteriosa.

Apura-se que os corpos vivos realizam phenomenos analogos aos do iman; procuram-se logo as leis que os regem sem nos perdermos no labyrintho impenetravel de causas chimericas.

A força magnetica e a neuro-psychica devem apenas ser consideradas como o enunciado abstracto de propriedades da materia; abstracções scientificas e nunca entidades ontologicas. E, assim como se conhecem as leis que regulam a primeira, podemos achar as que governam a segunda. Sempre o mesmo criterio scientifico, que Augusto Comte estabeleceu definitivamente para o estudo e apreciação de todos os phenomenos: a determinação accessivel das leis em vez da investigação infructifera dos causas.

Orientado por estas convicções philosophicas, o cientista haverá descoberto os verdadeiros principios scientificos que regem os chamados phenomenos psychicos occultos, sejam elles puramente subjectivos ou objectivos.

Primeiro se devem accumular factos e depois formular theorias.

Na epocha preparatoria da Humanidade, quando se ignorava a marcha da evolução, era natural o exame desordenado dos factos e a formação prematura de theorias ficticias para



explicarem acontecimentos cujas leis se ignoravam.

Hoje, porém, quando a noção positiva de lei foi universalmente demonstrada por Augusto Comte para com toda a phenomenalia, a attitude do scientista é reunir as observações e experiencias e, fundado nellas, só formular hypotheses scientificas para explical-as e nunca theorias chimericas theologicas ou metaphysicas.

Objectivos ou subjectivos, de ordem inteiramente exterior ou resultados da nossa organização nervosa, os phenomenos psychicos occultos, uma vez effectivamente comprovados, merecem uma interpretação positiva e não uma rejeição negativa.

E' essa interpretação que escapa á maioria dos cultores da sciencia, evadidos, apesar de uma pretendida emancipação philosophica, de manifestas concepções ontologicas.

Assim é que, negando primeiro, absolutamente, os factos, chamando-lhes charlatanismo, como fez, em tempos, o famoso William Crookes, acabam por acceital-os, pretendendo explical-os mais ou menos metaphysicamente.

No dia, porém, que taes phenomenos fôrem investigados pelos espiritos encyclopedicos, dotados de saber e character, libertos de todos os preconceitos, quer materialistas quer espiritualistas, emancipados completamente de toda idéa theologico-metaphysica, esses attributos superiores da existencia, os ultimos a se incorporarem definitivamente na encyclopédia da sciencia universal, terão sua verdadeira e unica explicação, que é a determinação positiva de suas leis reaes.

E' o mesmo pensamento que, em 1875, exprimia Eugenio Sémérie, o illustre medico da Escola Positivista, discipulo immediato de Augusto Comte. «O magnetismo animal, diz elle, o *espiritismo*, o hypnotismo, que succedem á possessão, á feitiçaria, ainda não receberam, a meu ver, uma explicação sufficientemente positiva. *Entrarão cedo ou tarde no dominio da sciencia que explicará tudo sem fluido nem vontade, sem metaphysica nem theologia*». (8)

E' o que succederá emfim quando todas as intelligencias cultas, consagradas ao estudo dos phenomenos mediumnicos, se libertarem do regimen ontologico que inconscientemente ainda as domina.

Perante elles, a sciencia positiva procede como perante todos os attributos que a materia revela. Examina-os, verifica si se trata de factos reaes ou métras ficções. Neste caso rejeita-os, e naquella trata de conhecer as relações constantes que os ligam sem indagar os enigmas indecifráveis e inuteis de sua origem ou natureza intima. Si o seu estudo revela factos de tal ordem

que parecem contradizer leis estabelecidas, o scientista deve multiplicar as observações e experiencias antes de formular theorias contradictorias; certo então se tem de encontrar emfim os principios harmonisadores dos factos aparentemente incoherentes. Ainda quando taes principios não fôrem achados, novas leis se substituirão ás antigas, desde que novos dados a isso nos levem. Assim se procedendo, não se fará mais do que applicar a lei-mãe de todas as leis, a regra fundamental da philosophia positiva, descoberta por Aug. Comte: *Formar a hypothese mais simples e mais sympathica que comporta o conjuncto dos documentos a representar*. (9)

A relatividade do dogma positivo, que é a sciencia, liberta de toda entidade e só constituida pelo conjuncto das leis naturaes, permite apreciar todos os phenomenos, sem se sentir abalada em seus fundamentos. Desde que se comprove por meios logicos e scientificos, analogos aos que se empregam no estudo de outros phenomenos, a manifestação de um attributo, considerado a principio como maravilha ou milagre, passa elle a pertencer á categoria de facto natural e, por consequencia, susceptivel de explicação perfectamente scientifica. Esta pôde não ser dada immediatamente, quer por insufficiencia de observações e experiencias, quer por defeito inherente á natureza moral dos observadores; mas então deve-se aguardar a sufficiencia daquellas e aperfeiçoamento destes para formular-se a respeito uma hypothese real, uma verdadeira lei, em vez de fórmulas ficticias que nada explicam.

Os phenomenos psychicos occultos ou hyper-psychicos ou mediumnicos, si realmente estão verificados, não vêem, pois, abalar a sciencia positiva e, por conseguinte, a construcção religiosa de Augusto Comte, de que aquella sciencia é o dogma real.

Apenas o seu estudo, como o de quaesquer outras novas pesquisas scientificas, deve ser adiado até que se realize a regeneração humana com os conhecimentos que a Humanidade adquiriu pelas ultimas concepções do maior dos Philosophos. E' esta prescripção do pensador universal, que é acolhida com verdadeiro fervor por seus fieis discipulos.

Desde que se acredita que Aug. Comte decifrou o enigma dos seculos, fundando o Positivismo, e que, por isso, a evolução humana, em vez de espontanea, se pôde tornar systematica, nada mais natural do que convergir todos os esforços para pôr em pratica o idéal futuro, deduzido do passado, com os elementos que já possuímos na sciencia, na poesia e na industria.

Uma vez realisada essa aspiração, os intellectuaes do porvir irão desenvolvendo os progressos theoreticos necessarios ao aperfeiçoamento humano, não mais anarchicamente mas com meticolosa ordem.

Então, o que nos resta ainda conhecer, todo esse mysterioso mundo psychico, será o objecto de estudos conscienciosos, não de theoristas especiaes, aridos e frios, sem ardor social, muitas vezes sem moralidade, mas de pensadores encyclopedicos, devotados ao bem publico e reunindo a virtude ao saber.

Essa norma da conducta positivista, logicamente explicavel por justos motivos sociaes e moraes, não implica a negação peremptoria de certos phenomenos nem o receio de, sendo elles estudados, verem-se abaladas as leis scientificas em que o Positivismo funda o seu dogma.

Quaesquer que sejam os attributos da materia morta ou viva, desde que se comprovem pelos meios normaes da prova scientifica, o Positivismo os acceita sem incoherencia, pois o seu regimen é o das leis e não o das causas. O que pôde fazer é apenas adiar por inopportuna ou inutil a sua cultura actual.

Neste caso estão os estudos de mediumnidade e mil outros a que se entregam os scientistas contemporaneos, quasi todos alheios á tremenda crise por que passa a sociedade moderna, principalmente a occidental.

Reorganizar as opiniões e os costumes por uma fé unanime, inspirada na fraternidade universal, é o objectivo primeiro dos que, sabios ou ignorantes, mas dotados de devotamento social, desejam estender a todos um regimen de felicidade onde a arte, a sciencia e a industria não sejam apenas o monopolio odioso de um pequeno grupo de gozadores, explorando a massa, que vive sem sciencia, sem arte, sem industria, e, o que é mais, sem casa e sem familia.

E' esta exclusiva preocupação social que afasta os verdadeiros positivistas actuaes de novas investigações scientificas, inclusive dos celebres estudos de mediumnismo ou hyper-psychologia, segundo os nomes que lhe dão modernamente os seus cultores.

No entanto, ha de ser justamente aos pensadores positivistas do futuro que de taes phenomenos, deparados de tudo que nelles possa haver de chimerico, ha de caber a explicação verdadeiramente scientifica e positiva.

O Positivismo é eterno como a Humanidade, mas, como ella, relativo e modificavel.

Assim, quando mesmo todas as leis scientificas sejam um dia transformadas, quando, por novos dados, fôrem conhecidas, novas formulas se insti-

tuam, a obra philosophica, que resume todas, a synthese das syntheses, perdura, pois então nada se fará que não seja a applicação do principio fundamental della, a que citei, regra inicial de Philosophia Primeira. Surgirá uma nova construcção que não será sinão uma hypothese mais simples e mais sympathica de accordo com os novos documentos. Variará a fórma apparente, mas a estructura essencial ficará a mesma.

Neultima descoberta, portanto, passada, presente ou futura, poderá destruir os fundamentos inabalaveis do Positivismo.

Os phenomenos psychicos occultos nada provam contra a immortalidade synthese.

#### REIS CARVALHO.

(1) Deste assumpto já tratámos ligeiramente numa divagação litteraria sobre a mão de uma artista celebre, publicada na *Noticia*, de julho de 1902.

(2) AUGUSTE COMTE. — *Correspondance inédite*, t. 3, pag. 303, Lettre á M. Alfred Sabatier, le 6 Charlemagne 69 (23 Juin 1857).

(3) DR. GEORGES AUDIFFRENT. — *Des maladies du cerveau et de l'innervation*, d'après Aug. Comte, ch. VII, art. III, pag. 629-646.

(4) DR. ALBERT COSTE. — *Phenomenos psychicos occultos*, ed. Garnier, Rio de Janeiro, 1903, pag. 24-25.

(5) TH. GAUTHIER. — *Jettatura*, romance.

(6) ALEX. AKSAKOFF. — *Animisme et Spiritisme*.

(7) LOUIS JACOLLIOT. — *Le Spiritisme dans l'Inde*. — DR. PAUL GIBIER. — *Le Spiritisme ou Fakirisme occidental*.

(8) DR. EUG. SÉMÉRIE. — *Des Symptomes Intellectuels de la Folie*, pag. 96.

(9) AUGUSTE COMTE. — *Système de Politique Positive*, t. IV, pag. 173-174.

#### SCIENCIA E INDUSTRIA

*O helium — Os factos provam que o radium se transforma em gaz — Gaz irreductivel, 271° o frio absoluto.*

Ha muitos annos, se conseguiram liquefazer todos os gazes, considerados outr'ora permanentes. Pôde-se liquefazer e mesmo solidificar em neve o ar atmosferico formado de uma mistura de oxigenio e azoto; mas o hydrogeneo, gaz que, combinado com o oxigeno, fórma, como sabem, a agua e resistira durante muito tempo aos nossos meios de coerção, foi afinal liquefeito numa temperatura de 223° abaixo de zero.

Podia-se, portanto, affirmar que todos os gazes se liquefaziam; mas uma excepção resta: a de um novo gaz que tem sido, até agóra, recalcitrante, o helium, cuja originalidade essencial consiste em ter sido descoberto no Sol antes de ser encontrado na Terra. A analyse espectral permite descobrir os corpos existentes em vapor no Sol, onde se notaram fachas que não cor-

respondiam aos corpos conhecidos na Terra, e esse corpo estranho foi denominado helium, excitando muito a curiosidade dos astrónomos.

Um bello dia, foi isolado de certos mineraes um gaz que, observado ao espectroscopio, forneceu exactamente as mesmas fachas caracteristicas do corpo descoberto no Sol: era o helium.

Assim visto no Sol, baptisado no Sol, foi mais tarde collido na Terra.

Esse extraordinario corpo exhibia uma outra originalidade. O anno passado se havia contestado que as emanções do radium, o famoso metal enigmatico, se transformasse, em ultima instancia, em gaz. Os factos affirmam agóra o phenomeno: o gaz do radium é o helium.

Haveria grande interesse philosophico e, talvez, pratico, em liquefazer o helium para approximal-o dos gazes communs todos liquefeitos. James Dewar, eminente physico inglez, collendo o helium emanado da fonte de Balli, atacou o problema, até agóra sem successo. Olszowski de Cracovia extraiu o gaz de um mineral — a thorianite; comprimiu-o sob 180 atmosferas e o resfriou no oxigeno ao ponto de se solidificar e depois dilatado bruscamente. Assim se obteve a mais baixa temperatura conhecida, 271°. O helium continuou na fórma de gaz.

Essa resistencia é curiosa, porque a temperatura de 271° attinge o zero absoluto, ao ponto em que o frio não pôde ser maior, fundamentando a hypothese de ser o helium um gaz irreductivel e, por consequente, excepcional.

\* \*

*O oleo de ricino. — Novas applicações. — Succedaneo do petroleo. — Consumo de quatro milhões e meio de litros.*

O oleo de ricino, cujas propriedades therapenticas são demasiadamente conhecidas, váe tendo, cada vez mais, diversas applicações, dando grande incremento á planta que o produz e grandes compensações, principalmente na America e India Inglesa, onde é muito abundante.

A industria já o utilizava vantajosamente na fabricação de sabão e como lubrificante de machinas. Esse producto encontra, agóra, nas colonias inglezas, asiaticas e africanas, nova e rendosa clientela na illuminação, onde substitue com vantagem o petroleo. Os chinezes o empregam na cosinha como succedaneo da banha e, ha muito tempo, os americanos o adoptavam no mesmo mysterio. Nos Estados-Unidos, particularmente, no campo, é com o oleo de ricino que se sovam os sapatos, os arreios e se preparam as pelles e couros.

Mas o seu maior consumo se faz na lubrificação, que se eleva, sómente na America, annualmente, a um milhão de galões, ou quatro milhões e meio de litros. Os acontecimentos de Baku, influindo durante um certo periodo na producção e nos mercados, forçarão a adopção de um modo mais contínuo e intenso do oleo de ricino na illuminação das grandes usinas e, generalisado, em taes condições, aperfeiçoado e simplificado como está sendo pelos inventores, offerecerá aos agricultores dos tropicos um lucrativo genero de cultura, facil, barata e quasi espontanea nas zonas estereis.

O oleo de ricino poderá ser, como lubrificante, um lucrativo artigo de commercio, no Brazil.

\* \*

*O jacaré. — O grande commercio da sua pelle. — Sua destruição inútil no Brazil, particularmente na ilha do Marajó.*

O jacaré desaparece, na America do Norte absorvido pelo commercio de sua pelle, muito procurada para toda a sorte de artefactos de luxo.

O massacre desses saurios continúa em proporções taes que elles representam apenas 2% do que eram ha 25 annos. No ultimo quarto de seculo, sómente na Florida, fôram exterminados dois e meio milhões.

No Brazil, particularmente na ilha Marajó, os jacarés são destruidos aos milheiros, quando as aguas baixam e elles ficam immobilisados nos pequenos poços lamacentos que ficam no interior da ilha; são incinerados em montões, destruindo-se sem piedade, barbaramente, os grandes valores mercantis representados pelas suas pelles preciosas.

#### A PROPOSITO DO CLUB MEDICO E DA REFORMA DO VESTUARIO

Quem sabe ao certo desde quando vinha germinando, em cabeças esculpicas, a idéa generosa da fundação necessaria de um club que fôsse o centro de reunião dos medicos desta adoravel cidade? Ninguém o sabe ao certo.

Um sei eu que, desde o dia, entre outros felizes da sua existencia, em que visitou a alegre Inglaterra sentiu aninhar-se-lhe no bestunto essa idéa de solidariedade, e a vinha, desde então, prégando aos seus intimos e immediatos companheiros de trabalho, numa propaganda tranquillã, mas pertinaz.

O que se sabe, afinal de contas, é que um grupo de homens de boa vontade, capitaneados pelo sympathico e insinuante Graça Couto, fel-a des-

abrochar, e, quasi a esta hora, fructificar, desd'a sua sessão solemne de fundação na qual foi acclamado presidente o illustre hematologista brasileiro o sabio dr. Fajardo, que lhe emprestará o brilho e a animação das suas luzes intellectuaes. Não fôsse a fallia primitiva da acclamação do directorio inicial, tudo só poderia ter os applausos da opinião. Porque, senhores meus, isso de acclamações cheira a partidarismos políticos, um tanto deslocado entre homens que se prezam de ter alvedrio para eleger a quem bem lhes pareça. Ainda bem que desta vez a coisa correu de modo satisfactorio. Poderia, porém, ser peor.

Emfim, como lá disse o calvo dictador romano o trauspor o Rubicon, muito mais facil de vadear do que muitas outras barreiras e torrentes idéaes de opinião: *alea jacta est!*

Ora, uma das mais justas e a pessima das preocupações do gremio, parece haver sido a reforma do traje masculino e, como natural consequencia, a modificação do vestuario da graciosa e terna companheira do homem. O momento não podia ser mais propicio, agóra que a lanstos largos inspiramos o ar que nos vem dos lados do mar pela extensão da nossa *Avenida Central*, essa via sagrada dos uossos interesses e melhoramentos, cujo custo pagaremos satisfeitos, porque não serão bastante peizados os sacrificios que se nos impunham para isso.

Talvez, ainda haja, aqui, logar para louvores ao benemerito e esforçado sr. ministro da Industria que, si é irresponsavel, como secretario d'Estado, perante o nosso pacto fundamental, é, talvez, o unico a cujo labor deva a Capital do paiz esse beneficio incomparavel, não esquecendo os seus grandes auxiliares, entre os quaes sobresaé o dr. Frontin e os notaveis levantadores e moralisadores do nosso credito, o que nos permittiu ter esse admiravel *extra* em materia de civilisação.

Que o traje seja claro e, acima de tudo, leve; claros os chapéos, botas e piúgas, disseram os entendidos... Tudo isso é muito bem aconselhado. Não basta, porém, que se usem os tons claros, mas que as fazendas tenham a textura aconselhada pelos higienistas modernos. Não é indifferente trajar-se lã, sêda ou linho, nem indifferente a espessura dos estofos das confecções. Tenha-se em conta, numa cidade como a nossa, exposta ás mais rapidas e subitas variações de temperatura, o regimen dos ventos e a quota da humidade atmospherica, aqui onde o gráu hygroscoptico do ar é tão elevado. O principal beneficio das vestes é proteger o uosso corpo contra as variações da temperatura

exterior e, nos climas frios, oppor-se á perda do calorico feita incessantemente pela superficie da pelle, por contacto, por evaporação e irradiação. Nos climas como o da zona que habitamos o seu principal papel é pôr um obstaculo ao aquecimento do corpo pela acção directa dos raios solares.

Uma das mais importantes questões em pontos desses é saber-se da condutibilidade thermica das diversas materias primas das quaes se fabricam os estofos, e a textura desses, conforme dizia ha pouco.

O que faz com que um tecido seja bom conductor de calorico não é o facto de ser elle de sêda, de lã, ou algodão, é a quantidade de ar que podem reter as suas malhas; não é a composição do estofos, porém a sua estrutura, que constitúe um obstaculo á perda do calorico. Sabe-se que o poder de condutibilidade do ar é fraquissimo: é de cerca de 100 vezes inferior ao das materias primas com as quaes aquelles são fabricados. E' o ar que se mantém immovel na superficie do nosso corpo e nas malhas dos tecidos que se constitúe o verdadeiro agente de protecção contra a perda do calorico; dahi, o conhecer-se que os estofos cujas malhas são um pouco frouxas são mais quentes do que aquelles cujo tecido é apertado, e que um vestuario moderadamente amplo, que mantém nma camada de ar interposta entre a pelle e a sua superficie interna, caso seja sufficientemente fechado para impedir a circulação e o accesso do ar exterior, protegerá melhor contra o frio do que nma veste collante. As roupas, mesmo finas, mas supperpostas, protegem melhor, ás vezes, do que um vestuario mais espesso e menos abundante em camadas, e pelo motivo acima exarado.

E' igualmente util conhecer-se o poder absorvente dos estofos. Das engenhosas experiencias de Conrlíer, feitas ao ar livre, resalta a noção de que só os tecidos de algodão mantiveram temperatura thermometrica abaixo da do ambiente.

Não deixa tambem de ter interesse qual a côr do vestuario que tornará menos sensível o seu poder absorvente. A pratica já indicou que é a preto, cujo poder absorvente é mais intenso e, por ordem seriaria, depois, vem o azul, o verde, o vermelho, o amarello e finalmente o branco, razão por que toda a gente, mórmente as senhoras e senhoriinhas devem preferir o branco e tons approximados para os seus graciosos trajes de verão. Tem-se tambem de considerar nas vestes o seu poder hygroscoptico, embóra se conheça que todos os tecidos são mais ou menos absorvedores de humidade ambiente. São as de lã aquellas cuja capa-

cidade é maior; depois as de sêda, algodão e linho. Caso se tenha em mente a rapidez e facilidade da dissecação—dellas se verifica que vem em primeira linha a sêda, depois o algodão e o linho e, por ultimo, a lã, na qual a evaporação se faz dum modo lento e uniforme.

E' essa propriedade da lã que a torna preciosa para a confecção das vestes que devam ser trazidas directamente sobre a pelle, a fim de absorverem o melhor possivel a agua eliminada pela perspiração insensível ou pelos suores profusos da superficie cutanea. A flanela absorve tres vezes seu pezo de suor ao passo que o algodão retém apenas uma vez e 1/3.

São as vestes de lã aquellas que devem trajar os trabalhadores braçaes e os soldados em campanha, motivo pelo qual Hiller as julga unicas uteis para o vestuario militar.

Um collete de flanela não deixa de convir a certos individuos cuja impressionabilidade seja exaggerada ás mudanças subitas de temperatura e devam viver fóra das mutações continuas della, como os arthriticos, que são legião entre nós. Não é isso motivo, porém, conforme dil-o muito bem Guiraud, para que se devam habituar as creanças ao seu uso. Muito ao contrario, sempre que mostrem ellas tendencia a resfriamentos por languor das funcções cutaneas, que se recorra a loções frias, as quaes habituarão a sua pelle tenra ás reacções necessarias. O typo do vestuario higienico seria aquelle que, sendo permeavel ao ar, fôsse de todo impermeavel á agua, como certas télas hoje em uso para *water proofs* masculinos, um tanto em vóga aqui.

A proposito de *water proofs*: pena é que as senhoras, entre nós, *ad instar* das inglezas, não se habituem trazelos de fazendas ou télas como aquella a que acima alludi. Quanto aos cavalheiros deixe aconselhá-los a não comprarem as celeberrimas capas de borracha, que são um verdadeiro opprobrio á hygiene, porquanto nem protegem contra o frio, pois nenhum ar retém em suas malhas, nem contra o calor, pois que se oppõem á perda do calorico pela evaporação util. E' mistér condemnal-as, sem piedade, como contrarios ao bom gosto e ás mais comensuhas regras de sciencia.

Si não tenesse cair no detalhe, desde já formularia um voto energico contra ontro habito ou moda que váe ganhando raizes nesta quasi ex-aldeia grande. Refiro-me ao do uzo dos chapéos de oleado, que impuzeram agóra a creanças. São vistosos, elegantes e o mais que entendam. Talvez mesmo nteis em Petropolis, ou nos dias chuvosos e de baixa temperatura aqui; mas são absolutamente contra indi-



cados para os passeios habituaes na mór parte dos dias em que a temperatura faz coegas á columna do thermometro propelliudo-a para cima.

Não ha mistér, porém, que um objecto de uso seja util para que seja adoptado em *simiopolis*.

Basta que — *Femina, Madame*, ou qualquer outro dos *magazines* ou *jornaes* de modas o consigne nas suas photographias de scenas da vida do boulevard St. Honoré, onde domina o *millon*, ou em qualquer outro centro de elegancias menos aprimoradas, para que desde logo seja appropriado.

Lembram-se os senhores do *uso immoderado* que se fez, váe para algum tempo, das *bôas* de pennas, das *estoles*, etc., etc.? Pois a muito bôa gente vimos todos nós empnuhadas nas ditas, por uma temperatura senegalesca! Mas que querem? era moda! O que peorava, era a designação barbara que deram ás *bôas* chrismando-as de *boás*, genero masculino, como si o nosso riquissimo vocabulario não tivesse a palavra propria para o fim de designar o gracioso objecto e simile da cobra donde lhe veio o nome. *Um bôá*, pasmem amigos!! Ah! manes de Castro Lopes! E assim é que enriquece uma lingua! E' verdade que, por processos peorissimos muita gente chega á riqueza e ás honras, concordemos! Chapéos de palha e de cipós diversos são os que pôdem couvir á petizada e á gente grande. Observem os senhores como já vão sendo desdenhadas as plumas e quejandos enfeites que outr'ora pompeavam, indefectivamente, nos chapéos das senhoras. O bom senso váe fazendo, e fará com segurança, tenhamos fé, obra ingente de depuração. Sapatos claros no verão, sejam de couro ou télas quaesquer. Alpercatilhas para as creanças, afim de que se lhes não achinezem ridiculamente os pés e mais tarde, quando mulheres, não adjudiquem á sua natural vaidade, mais essa de calçar um centimetro a menos do que a visinha. Emfim, em muitos pontos, outros referentes ao traje de ambos os sexos, poderá exercer-se a actividade conselheira do *club* cujos arestos serão, sem duvida, acatados e devidamente respeitados.

Digamos agóra duas palavras sobre uma questão de ethica que corre parellhas com a do vestuario.

O traje fará ou não o monge, conforme as circumstancias. Como distinguir-se-á, comtudo, esse nentro moral sem as suas talaes apparencias?

Não vou ao ponto de exigir traje o medico da actualidade como o seu antepassado doutras éras: roupas longas, chapéu em funil, *fratise*, ou amplo cabeção de rendas e seringa em punho para dominar a legião dos males, com os quaes se tinha elle de atre-

ver. Força é, porém, confessar que elle empresta, a quem o enverga, algumas qualidades extrinsecas de classe, e a imaginação popular chega a expendel-a, syntheticamente, nesta fórmula e expressiva phrase: fulano não tem cara de medico! Deixa-o elle de ser, e, ás vezes, dos mais abalisados, si não tem o frontespicio proprio aos homens da arte, caso seja um medico de valor real?

Restos e influencia da lithurgia catholica, murmuram outros; que nenhuma razão tem de ser, actualmente, neste seculo do radium, para chrismar o successor daquelle que foi o das luzes. Concordo com isso. Que se pense, porém, na imaginação escaldante de latinos acclimados, que nós somos, e logo ver-se-á que o ponto em si não é de tão facil solução como parece.

Vá lá um medico novel e que, sob os auspicios de um grande talento, como era o do fiuado Pacheco, encetar a clinica numa grande capital, de roupa de brim, chapéu de palha, sapatos brancos, de loua, e o mais! Começará e acabará por não ter um doente sobre o qual descarregue os seus Stokvis, A. Robin *et reliquia*. Que chegado ao fastigio da carreira elle assim proceda, ainda de accordo. Porque do alto é que devem vir os bons exemplos. Já o velho orgão do nosso jornalismo, em *varias* de alcance real, expenden a sua doutrinaria e ponderada opinião; e, para fartalecel-a, trouxe exemplos de relevo, fortalecedores dos seus conceitos. Numa caíu, porém, que força é escovar-lhe a memoria. Disse-se alli, que em Londres, no verão, *toda a gente* traja vestous claros, chapéos leves, etc.

Ha nisso um engano sem valor, mas que convém correcto.

Saibam todos quantos este virem, na fórmula dos editaes, que o negociante loudrino, o homem que peza nas balanças do *Royal Exchange*, veste, *em geral*, sobre-casaca, cartola e as respectivas luvas, mesmo no verão, em plena *season*.

Haverá multiplas excepções, mas uma maioria regular assim procede. E' porque? Porque o negociante é, dos filhos da velha Albion, o homem em situação, o mais valioso della; é o negociante que, dominando no commercio, lhe invadiu a nobreza porque com ella hombraou pelo trabalho.

Veremos, no artigo seguinte, as modificações que outros meios teem imposto ao traje...

DIAS DE BARROS,

Profesor na Faculdade de  
Medicina

Vendem-se colleções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### A PORORÓCA

E' noite: canta o grillo na parede  
Da casinha de taipa do roceiro;  
No céu americano a lua espia  
Meio mundo, com rosto prazenteiro.

Como uma fita de galão prateado,  
Além se estende o esteirão do rio,  
Na ribanceira as garças somnolentas  
Adormeceram trémulas de frio.

As cannas bravas languidas se encurvam  
Do vento ao doce afágo, a correnteza  
Da flecha arrasta as plumas que, boiando,  
Somem-se além, na volta, com presteza.

O pescador amarra, cuidadoso,  
Sua canôa, no mourão do porto,  
E recolhe o espinhé de dentro d'agua,  
Que dá aos seus filhinhos o conforto.

De subito, um rumor surdo se escuta,  
Ao longe urrundo, como na malhada,  
A's deshoras em busca do novilho,  
Urra a onça feróz e mosqueada.

Cresce mais o ruído... Da ingarana  
As jassanans levantam-se com medo,  
E vão buscar um pouso mais seguro  
No raminho mais alto do arvoredo.

Cresce mais o ruído... De repente,  
Do rio, lá na volta, se levanta  
Uma muralha d'aguas e de espumas,  
Que de tão alto e grande a vista espanta.

Róla aquella avalanche! Como um pôtro,  
O rio corcoveia e eriça o dorso!  
A custo as grandes arvores supportam  
Aquelle embate com supremo esforço.

E' ella! é ella! — a pororóca infrene!  
Na frente galopeiam «cavalleiros»  
E' ella! é ella, que se empina e salta,  
Como um bando de lóbos carniceiros!

E' ella! é ella! envolta entre as espumas  
A surucr'ujú as guélas escancára,  
E, luctando, se encontra c'o cadaver  
Da avermelhada e feia capivára.

Legião infernal — entre seus braços  
Traz madeiros enormes esgalhados;  
Sóbe ás ribas mais altas e roncando  
Cospe a baba nos cedros respeitados.

Lá váe... E' ella! — a pororóca infrene!  
Passou veloz, e as aguas se elevaram...  
Apenas ouve-se um rumor ao longe,  
E avistam-se os destróços que ficaram.

CELSE DE MAGALHÃES.

\* \* \*

### TOMADA DE CEUTA

Logo que a manhã começou a romper, principiaram a cortar a alvorada os silvos estridentes dos apitos. As guarnições, a postos, preparavam-se para o combate. Com os ferramentaes nos braços, de martello em punho para pregarem os arnezes, andavam

uns. Outros atacavam os gibões, outros afiavam as adagas, outros espreguiçavam-se, afugentando o sono, enquanto provavam as armas, tomando as factas nas mãos, ou desembainhando e brandindo as espadas. O rumor surdo que vinha de terra com a manhã, dizia andarem por lá na mesma faina. Todos, mais ou menos, previam a possibilidade de ser esse o seu ultimo dia; e, examinando as rudes consciencias, confessavam os peccados aos frades, que de cruz alçada iam pelas toldas dos navios, distribuindo absolvições e benções.

D. João I, ferido numa perna e coxeando um tanto, andava numa galeota pelo meio da armada, dando as ordens do combate: d. Henrique seria o primeiro a desembarcar: logo que o vissem em terra, acudissem a esse ponto. A manhã aclarára de todo já, o sol despontava no horizonte. E João Fogaça, védor do conde de Barcellos, não podendo conter-se, lançou-se com um punhado de homens num batel e vogou para a praia. Foi o primeiro a desembarcar, com grande raiva de d. Henrique, que logo se precipitou. As trombetas atroavam o ar, os gritos ensurdeciam, o desembarque era geral, a lucta estava travada.

O combate foi um momento. Ennovellaram-se na praia com a chusma dos mouros, que em vão pretendiam embargar-lhe o passo; e dessa primeira parte da acção apenas ficou memoria dum nubio ou sudanez, agigantado, nú e negro como um corvo, cujo aspecto de selvagem, beiços espessos, dentes caninos, olhos em sangue, assustavam os portuguezes. Combatia á pedrada, e Vasco Martins, de Albergaria, varou-o com a lança, depois delle lhe ter feito ir pelos ares a viseira. Mas, num impeto, os atacantes arrojaram-se contra a porta da Almina, entrando por ella de roldão. Era o infante d. Henrique e a sua gente. A este tempo desembarcavam d. Duarte e o conde de Barcellos, d. Pedro e o proprio rei que vinha coxeando. Ceuta podia dizer-se tomada: só o castello resistia ainda, mais foi logo abandonado. Quando os vencedores lá entraram, acharam-no vazio. O maior trabalho do dia consistiu em chaciuar mouros e saquear a cidade, vindo dahi o desprezo, em que os nossos homens ficaram tendo esses inimigos, e a cruel desillusão mais tarde, quando foi da tragedia de Tanger. Morreram ao todo oito christãos.

Durante a refréga, enquanto d. Henrique e os seus andavam pelo interior da cidade matando os mouros, correu a voz e vieram dizer ao pae que estava morto. O rei, impassivel, voltou: «E' a sorte commum dos guerreiros.» E seguiu o seu caminho, sem mostrar alteração de gesto, nem a tris-

teza que instantaneamente lhe apertou o coração. Mas, quando se encontrou com o filho, vivo, apertou-o a si num impeto, e, fazendo-o ajoelhar, logo allí o armou cavalleiro.

O saque da cidade foi estupendo. Ceuta precedeu Veneza, que precedeu Lisbôa, no emporio do commercio das Indias. As ruas pareciam uma feira. Os bésteiros, aldeões brancos, trazidos das montanhas de Traz-os-Montes e da Beira, ignoravam até o valor das coisas que destruiam, com violencia dura de serranos semi-barbaros. Saíam das suas choças de colmo, ou das grutas de trogloditas, abertas no granito entre duas lages, e achavam-se vencedores e amos nos palacios dum luxo requintado, pisando os pavimentos de tijolos vidrados a côres, sob os tectos de páu de cedro apainelados, debruçando-se nos balcões de marmore arrendado, mirando-se no espelho polido do alabastro das bacias e tanques dos pateos ajardinados, rebolando-se como onagros nos colchões fôfos de pennas entre lençóis de linho, branco de neve e fino como seda. E quanto maior era o contraste e maior o espanto, maior era tambem a embriaguez furiosa. No seu prosaismo de gente barbara, só queriam avidamente ouro e prata. Cavavam nas casas, mettiam-se nos poços, furavam, perseguiram, matavam, destruiam, com a sêde de apanhar ouro. Despejavam as adegas e os armazens, estragando tudo. As ruas ficavam atulhadas de moveis e tapeçarias, cobertas de canella e pimenta dos saccos empilhados, que a soldadesca ia despedaçando ás cutiladas, a ver se encontrava ouro ou prata, ou joias, aneis, brincos, braceletes, e mais alfaías, como tantas que se tinham encontrado já, arrancando-se muitas vezes com as proprias orelhas e com os dedos das desgraçadas. A cobiça podia mais do que a luxuria. Um vago respeito de barbaros ainda ingenuos reprimia-os. E com a pimenta, com a canella e com o arroz, formavam uma lama infecta o arroze, o mel, o azeite, e as gorduras que escorriam, pelas calçadas, das tulhas e dos cantaros gotteando, partidos.

A mourama fugira chorando, sumindo-se na espessura dos arvoredos dos arrabaldes da sua cidade perdida. E durante essa noite, em volta de Ceuta, ouvia-se um côro de povo escondido, em ais e doridas perguntas pelas mães e pelos filhos. Dir-se-ia que as moitas dos jardins e o arvoredo das hortas fallavam, que gemiam na tristeza da noite, e que eram lagrimas as folhas pendentes, baloiçadas pelo vento mansamente.

No dia seguinte, quarta-feira, a mourama appareceu em volta da cidade. Nas encostas da serra apinha-

vam-se aos grupos, namorando a sua doirada Ceuta com olhos que faziam dó, e cantando uns cantares de palavras desoladas. Talvez o canto lhe accendesse os animos, porque ainda houve algumas escaramuças sem consequencia. Mas nesse dia Portugal triumphante sagrava a mesquita de Ceuta, entoando lá dentro um *Te-Deum* mui solemne, mui contrapontado, atroando no fim os ares o côro unisono de duzentas trombetas. D. João I armára cavalleiros os seus tres filhos legitimos.

OLIVEIRA MARTINS.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Da margem esquerda do Paraná a Tuyuty—Um ataque inesperado. Uma carga para retomar a bandeira.*

O regimento destacou, para a vanguarda composta de brazileiros e orientaes, sob o commando do bravo general Flôres, uma bateria de quatro canhões La Hitte, calibre quatro. Commandava-a o jovem capitão João Dias Cardoso de Mello, um dos nossos officiaes mais esperançosos. Notavel não só pelo grande vigor physico e belleza varonil, como pela brilhante figura que fez nas escolas Central e Militar, pela vasta erudição, pelo character bom e generoso, tiuha muito amor á profissão e soube inspirar a superiores e subordinados respeito e amizade. Eram seus officiaes — os tenentes Marcos de Azevedo, que pouco sobreviveu á guerra, Abreu, (o cabeçudo) que morreu prisioneiro de Lopez, e Manoel Bezerra, que chegou a ser senador da Republica e está enterrado no Ceará. O illustre capitão — foi o primeiro a desaparecer — foi traiçoeiramente assassinado por um alliado, á noite, no seu rancho em Tuyuty. O amigo Bormann contou-me o horroroso crime com detalhes de arripiar.

Diversos reconhecimentos fôram levados até ás proximidades do Estêro Bellaco. As pequenas forças inimigas não se empenhavam em combate e retiravam-se apressadas, disparando as armas, aos bosques proximos da esquerda. Diariamente pela manhã e á tarde, partidas de cavallaria alliada saíam em descoberta e regressavam sem nada de novo. O inimigo não as incommodava e parecia resolvido, contra os seus precedentes, a manter-se em defensiva passiva esperando-nos do outro lado dos seus interminaveis pantanaes e espessos bosques estrategicos.

Não era grande a distancia que nos separava das forças da vanguarda. Não me lembro bem, mas não devia exceder muito de um kilometro.

O regimento estava acampado numa pequena elevação com os seus vinte canhões bem alinhados. O campo, onde tinham permanecido tanto tempo milhares de soldados e animaes do exercito inimigo, estava completamente *raspado*. A nossa mulada e cavallos iam bem longe em busca de pasto. Não tinhamos nem milho, nem alfafa para dar-lhes e, em caso de ataque, as nossas peças ou ficariam immoveis ou teriam de ser tiradas a pulso pelos proprios conductores e artilheiros. E o inimigo estava muito proximo de nós. O mallogrado Cardoso de Mello teve ordem de mandar os animaes da sua bateria para o pastoreio distante, e ponderou ao general Flôres que isso o collocava em situação difficillima si o inimigo nos atacasse, pois não poderia manobrar com os seus canhões. O grande caudillo, que confiava mais que tudo nas cargas impetuosas dos seus valentes esquadrões, respondeu :

— « Yo soy el comandante de la vanguardia y sê lo que devo hacer. »

E a mulada foi para o pasto e a bateria ficou sem meios de locomoção, desabrigada no meio do campo sem ao menos um espaldão pela frente.

No dia 2 de maio, ao meio-dia mais ou menos, corremos ás nossas peças ao toque de alarma e aos tiros repetidos que ouviamos para as bandas da vanguarda. Pegámos na palamenta e nos preparámos num instante para entrar em acção. Cada peça tinha n'alma uma lanterneta de folha, o cartuxo estava sangrado e em cada ouvido havia uma espoleta. Esperavamos o inimigo. Os animaes estavam no pastoreio por falta de forragem. Nada viamos. Deante de nós, havia uma pequena lagôa e além o terreno levantava-se insensivelmente, impedindo-nos de ver o que se passava adeante. Os paraguayos caíram de surpresa sobre as forças de Flôres, que mal resistiram áquelle primeiro choque violento e foram levadas de vencida e meio desordenadas. Carregaram rapidos sobre a nossa bateria que, impossibilitada de mover-se, veio a cair nas suas mãos, depois de heroica lucta, em que Cardoso de Mello, carregando o Bezerra mal ferido, recnava passo a passo, defendendo-o com os outros officiaes a tiros de pistola. Em pouco tempo, a vanguarda refez-se. As forças do grosso do exercito avançavam rapidas ao encontro do inimigo. Nós viamos, reprimindo os impetos da alma, os nossos batalhões, que passavam a *marche-marche* de arua suspensa e bayoneta armada, lançando-nos olhares de superioridade, que diziam :

— Vocês do « Boi de botas » não pôdem hoje partilhar da nossa gloria.

Ouviamos gritos de entusiasmo e os officiaes montados galopavam para

acompanharem os batalhões, que avançavam ardentes.

O sangue parecia fever-me nas veias, protestando contra aquella immobilidade, a que me via condemnado na conreira de um canhão. Comêcei a ruminar, então, a idéa de passar para a infantaria. Houve uma occasião em que na pequena eminencia da nossa frente, além da pequena lagôa, appareceram alguns soldados nossos recuando em desordem. Surgiu pela esquerda uma columna da cavallaria brasileira a galope, levantando espadas que brilhavam ao sol e brandindo lanças, cujas bandeirolas vermelhas tremulavam ao vento. Sumiu-se como um relampago. Os infantes que recuavam sumiram-se tambem no torvelinho da refréga, carregando sobre o inimigo, que retirava. E eu sempre alli, no mesmo logar, firme no meu posto de chefe de peça. Ouvindo o ruido das cargas proximas, os brados delirantes da soldadesca, os toques vibrantes das cornetas e dos clarins, o estridor da peleja, onde se praticavam feitos brillantissimos, a minha alma protestava em silencio, submettendo-se fingida á disciplina. Eu era artilheiro e o meu logar era alli. A minha sorte estava lançada naquelle dia ; eu havia de ser infante. Compreendi então quão nobre e difficil é a missão do official de artilharia e a calma e abnegação que lhe são necessarias para a resistencia aos impetos do coração nos dias das batalhas.

O capitão Cardoso de Mello e o seu bravo pessoal voltaram ao regimento sem as quatro peças confiadas á sua guarda. Os paraguayos levaram, á mão, aquelles primeiros trophéos do exercito de Osorio. Bem caro custou-lhes a aventura. Lia no rosto do moço capitão as angustias da sua alma nobilissima. Todos nós respeitámos aquella dôr. A sua desventura fel-o mais querido dos seus camaradas, que conheciam o seu valor. Alguns batalhões nossos correram sobre o inimigo, que conduzia ligeiro aquelles despojos preciosos, mas não conseguiram alcançal-o.

Contam que o general Flôres, lançou-se, a galope, no meio do batalhão Florida, o seu predilecto, que recuava aos golpes paraguayos, e bradou, meio desvairado, aos seus soldados :

— « Aonde está la bandera ? »

Os bravos orientaes estacaram e, num gesto de desalento, estenderam a mão na direcção de um ponto azul e branco, que mal se via tremulando ao longe, muito ao longe. O bravo gaúcho já tinha visto o pavilhão glorioso, arrebatado aos seus guerreiros e, num assomo violenta de dôr pungente, apontou para elle dizendo :

— « Vuelvan con el ó no vuelvan ! »

O galhardo corpo, já com ás fileiras

rarefeitas, cerrou columna e, numa carreira desapoderada, precipitou-se coxilha abaixo, levando tudo por deante, em busca daquelle pontinho azul que se projectava tremulo no verde-negro da matta, onde desappareceu. Voltaram poucos soldados de Florida. A bandeira ficou em poder dos paraguayos com os quatro canhões do nosso regimento.

A' tarde, depois de repellidas as forças atacantes para além do Estêro Bellaco, fomos visitar o campo da batalha. Estava bem assignalado o caminho percorrido pela « Brigada ligeira ». Era um extensissimo tendal de cadaveres, horriavelmente mutilados e amontoados em confusão. Havia cabeças decepadas, com olhos bem abertos ; outras, presas ainda ao troncos por musculos ensanguentados, outras rachadas de meio a meio, mostrando os miolos transbordando, narizes cortados, braços mutilados, queixo partidos, peitos esburacados. Que golpes aquelles ! Que talhos e que estocadas ! Aquelle era o caminho da morte para o inimigo e de gloria para nós... Que morte gloriosa e que gloria tão cheia de lagrimas. Era a verdadeira, a unica que fascina e deslumbra os povos, era a gloria de Osorio, de Napoleão e de Oyama — a gloria da morte.

Os viajantes que cruzam o grande deserto de Atacama, nas pampas aridas e calcinadas de Ilay, são guiados por uma larga esteira de esqueletos dos animaes que a peste, a fome e a sêde matam na desolada travessia. Naquella larga esteira que eu contemplava commovido por tanto sangue derramado — os cadaveres dos esforços guerreiros do Dictador, misturavam-se em tragica desordem com os dos seus cavallos pequenos e mal ajazados, caídos, uns e outros, aos golpes medonhos dos cavalleiros do Rio Grande, mais pavorosos naquelle dia do que a peste, mais terriveis do que a fome, mais mortiferos do que a sêde, porque eram a propria Morte que dava lançadas e talhos de espada cavalgando o corsel phantastico das balladas.

Pelas quatro peças que os paraguayos nos levaram, deixaram outras quatro e duas bandeiras. Quando Osorio viu que a vanguarda luctava com difficuldade, correu em pessoa para acudir-a e desbaratou as columnas inimigas, que já se julgavam com a victoria. Nós perdemos mais de mil homens entre mortos e feridos ; os orientaes mais ou menos trezentos e cincoenta e os argentinos, que tambem tomaram parte nesse dia, quarenta e nove. Mais de mil mortos do juncavam o ensanguentado campo de batalha. Centenares de prisioneiros foram recolhidos, na maior parte, aos nossos hospitaes, para tratarem-se dos ferimentos recebidos. Ficaram fóra



de combate cerca de dois mil e quinhentos paraguayos. Os que sobreviveram fôram repellidos até perto de Tuyuty.

O Costa Mattos, que sempre teve muita habilidade, recolheu algumas balas de fuzil que achou no campo e que se conhecia serem inimigas, por serem esphericas, e fez um interessante jogo de xadrez, com os piões, os bispos, os castellos, os cavallos, a rainha e o rei, que fôram delicadamente esculpidos. Não contente com isto, arranhou umas tibias, não sei si de gente ou de cavallo, e fabricou outro tambem muito bonito. Tndo isso, creio que se perdeu, depois de nos ter servido por muito tempo.

Desde o dia 2 de maio que os alarmas no nosso acampamento se repetiam com frequencia. A todas as horas da noite, quando o somno bom da mocidade pesava sobre as nossas palpebras fatigadas, uns tiros nas avançadas e o toque de *sentido* punham-nos de pé e corriamos léstos para a fórmã. Uma noite, lembro-me bem, era já bem tarde e a fuzilada crepitou viva na vanguarda. Em poucos momentos, o fogo recrudescên intensamente e ouviamos approximar-se rapido o ruido característico do tropel de cavallos a galope. Teria alguma columna da cavallaria inimiga rompido as nossas linhas avançadas? Iamos ser atacados no centro dos nossos arraiaes? A audacia dos soldados de Lopez admittia as mais absurdas hypotheses. Subitamente, cessaram os tiros e o silencio substituiu ao tropel da cavallada. Uma bala certaíra acabou com tudo aquillo. Um cavallo, com um couro de arrasto, lançado pelo inimigo sobre as avançadas, fôra a causa do alarme fóra de horas e jazia estrebuchando no meio do campo.

A idéa de passar para a infantaria não me abandonava. Essa arma exercia sobre mim indizível fascinação. Quando passava um daquelles bellos batalhões da divisão Sampaio, a *ensouraçada*, como lhe chamavam os soldados, de bandeira desfraldada, os pelotões alinhados, guardando bem as distancias, marchando airosos e elegantes ao som alegre dum dobrado vibrante, não me podia conter e punha-me a marcar passo, olhando com inveja para aquellas fileiras garbosas. No dia 4 de maio, pedi a minha transferencia para o 12º, o «Treme-terra». Custava-me muito deixar o meu regimento, onde o commandante, o velho Mallet, typo do verdadeiro soldado, a par da disciplina rigorosa, com que exigia o cumprimento dos nossos deveres, tratava-nos com bondade paternal e, em lugar de procurar humilhar-nos e abater o nosso espirito militar, como outros, nos confortava com o seu masculino exemplo e nos

guiava com os seus nobres conselhos. Tive de obedecer ao meu destino—devia ser infante. A bayoneta e a carabina me tiñham enfeitçada. Tinha saudades dos meus caros camaradas, entre os quaes se destacavam o Eugenio de Mello, o Costa Mattos e o Amarello de Vasconcellos, meu companheiro de barraca.

Dois ou tres dias depois, deu-se em ordem a minha transferencia. Fui, desarmado, apresentar-me ao Doze. Que differença! Deram-me uma carabina meio enferrujada com um sabre-bayoneta muito amolado, que pertencêra a um soldado morto, uma mochila vazia, sem a roupa da ordem e já bastante usada mas com os malotes completos, a marmita areiada, o cantil de madeira sem rôlha, um bernal muito sujo, que mandei lavar immediatamente para a formatura do outro dia, um cinturão completo com espoleteira e patrona, um bogó de couro resequido e com cartuxos embalados em pacotes de dez e com cento e cincoenta capsulas fulminantes. O commandante da companhia arranhou-me com o quartel-mestre um capote já servido, porque o meu ponche reiño não era do uniforme, é manta cinzenta com meia duzia de rombos.

No dia seguinte, entrámos de linha. Naquella epocha, eu parecia ainda um menino e mais moço do que era. A minha figura imberbe era insignificante ao lado daquelles robustos veteranos, calejados no serviço, alguns de bigode grisalho e ostentando ao peito a medalha da campanha de Rosas em 1852. Qualquer daquelles bravos era mais mais forte do que eu, marchava com mais desembaraço, carregava a mochila com mais garbo e era capaz de dar um golpe de bayoneta com mais vigor do que eu. Physicamente, qualquer delles era meu superior e eu não era dos mais fracos. Sentia-me, entretanto, capaz de ser alguma coisa, porque tinha verdadeiro amor á vida militar e estava resolvido a empenhar tudo para que fôsse sempre honrado o nome dos Cerqueira, e a gloria de minha patria não empallidcesse por minha culpa um só instante. O meu bello idéal era o triumpho da nossa causa.

DIONYSIO CERQUEIRA.

O ALMIRANTE (60)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XX

A marquezã e Hortencia permaneceram no terraço até se sumir a sombra de Oscar sob as massas negras do arvoredó immovel, silencioso, oppri-

mido por uma atmosphera espessa e placida, como na imminencia das grandes crises meteorologicas. Grossas nuvens cinzentas rolavam umas sobre outras, aos borbotões colossaes, velando o céu brusco, onde não pestanejava uma estrella. Os cães de Sebastião rosnavam soturnos num toada lamentosa, supplicando a liberdade, sómente concedida quando o pesado portão da chacara se fechava gemendo nos vellos gonzos oxydados, acompanhando as phrases de máo humor, murmuradas pelo guarda, aborrecido daquellas visitas prolongadas até alta noite. Elle que esperasse, sacrificando o seu rico somno de homem de trabalho, para quem a noite se fez para dormir.

O fiel homem vivia tresnoitado pelas rondas a que o obrigava a desconfiança de malfeitores. Ao menor ruido, levantava-se, dava uma volta pelo terreno extremado pela falda da montanha a morrer no Paraizo, um valhacouto feito de proposito para ladrões e conservado pela marquezã por um capricho injustificavel de manter aquelle pedaço de brenha num sitio tratado com tanto esméro. Quasi todos os dias, elle pedia a Deus uma faisca providencial que devorasse aquelle matagal hirsuto, um logar maldito, onde vagava a alma do defuncto marquezã a gemer com aquella fonte que tanto imitava um lamento humano de fazer, fóra de horas, arripiarem-se os cabellos ao mais valente. Gião tinha particular ogeriza ao Paraizo e os pretos que ficaram na chacara, quando a marquezã fôra procurar na roça lenitivo á subita viuvez, contavam historias tremendas de phantasmas a subirem, a descerem pelas arestas da rocha escarpada, onde vinham morrer os ingremes contrafortes do Corcovado.

O fetichismo hereditario de raça lhes incutira um invencível terror, cuja tradição Sebastião recebera, augmentada, accrescida de lugubres commentarios, ao receber do primo Gião a honrosa successão de velar pelo palacio.

Caminho do Paraizo branquejavam sob a longa alameda de jaqueiras, os tumulos dos meninos, esses anjós que estariam melhor no cemiterio para não lembrarem, a cada instante, o outro mundo, como si não bastasse a inexoravel certeza da morte, cujos symbolos infundiam intenso terror a esse homem, tivesse, embóra, sido destemido soldado nas brenhas africanas.

CAPITULO XXI

O anniversario da marquezã reuniu no palacio extraordinaria concurrencia de amigos que lhe vieram trazer as homenagens habituaes, partilhadas em parabens a Oscar pela promoção.

O monumental salão das recepções solennes, fechado depois da morte do marquez, se abria resplendente de luzes dos immensos lustres de crystal pendentes do tecto, um céu de nuvens rozeas; theatro de um episodio mythologico — Phaetonte dirigindo o carro de Apollo, tirado por animaes fogosos arrebatados em desapoderada carreira numa poeira luminosa. Pelas paredes, havia paineis de doce colorido, enquadados em molduras de ouro e escorriam tapeçarias de verde pallido a se sumirem por traz dos moveis veneraveis, os grandes consólos marchetados de madeiras preciosas embutidas de placas de gracioso mosaico e encantoados de bronze doirado, as amplas poltronas á maneira da Renascença, as alcatifas macias e espessas como uma relva de varia coloração, candelabros de prata, semelhando altos tocheiros de egreja, um pendulo que ornára uma chaminé das Tullerias, vasos de Sèvres, tudo distribuido numa ordem sobria, elegante e rica, onde primava, no sitio de honra, sobre uma columna de marmore mineiro, como um idolo dominando o tabernaculo, o busto do Imperador, um magnifico bronze em que o artista Rodolpho Bernardelli fixára, numa inspiração prophetica, a expressão doentia do rosto meigo, como si surprehendesse, no transe da agonia do Imperio, a indelevel impressão da hora suprema, quando precipitado subitamente no fastigio do poder e da gloria, libertado do onus da corôa, a sua alma magnanima se expandira numa dolorosa saudade resignada, que ficou sendo o traço final do angusto semblante, perpetuando numa eloquente mudez o derradeiro capitulo da historia da dynastia.

Nos outros salões, esse estylo severo se amenisava em preciosidades de uma arte delicada: quadros, estatuetas, moveis de phantasia, denunciando apurada selecção. Nos grandes vasos chinezes, Hortencia collocára as offerendas de flôres dos pobres, dos protegidos da marquez, naquella dia santo para elles, o dia das prodigalidades generosas para o lenitivo das necessidades, dos soffrimentos e da miseria dos infelizes do bairro.

Trajando um elegante vestido de velludo negro, bordado a matiz, desnudado o collo de deusa e a bella cabeça realçada pelas ondas de cabellos prateados, onde rutilava um enorme diamante a disputar em fulgores com as irradiações de grandes olhos melancolicos, a marquez, restaurada do eclipse da sua fascinadora formosura, se rigosijava enternecida, recebendo, com um incomparavel sorriso carinhoso, os amigos que enchiam os salões, lembrando a epocha de plena florescencia da casa dos Uberabas. E

ella teve a miragem do esplendor de antanho para sempre nublado pelo crepe da viuvez. Estavam alli os raros amigos de outr'óra que não sacrificavam affeições, relações carinhosamente mantidas, ás preoccupações da politica, aos melindres interesseiros, ao temor de suscitar suspeitas perigosas como nos primeiros dias da revolução. Ella verificou com surpresa commovente que não se havia formado de todo, em derredor della, o vacuo da intolerancia, das ambições precavidas, das fraquezas disfarçadas. E a sua surpresa attingiu ao assombro, quando se curvaram deante della um ajudante de ordens do marechal Deodoro, o ministro da Marinha que, com um luzido estado-maior, viera abraçar o novo almirante. A presença daquelles representantes do governo, da força victoriosa accordaram no coração da marquez a sensação do prestigio do poder, o esplendor da Côrte de que era memoravel vestigio aquelle bronze immovel, symbolizando a magestade decaída.

Não passou despercebida á marquez a ligeira curvatura reverente do almirante Wandenkolk, ao passar deante do busto do Imperador.

— Meus agradecimentos, almirante — disse-lhe ella, quando o bello marinheiro lhe beijou galantemente a mão — A sua presença nesta casa de velhos amigos me penhora e tranquilliza.

— Eu sou de paz — respondeu elle, sorrindo — Não podia recusar a minha homenagem ao querido camarada e a vossa excellencia, neste dia que me relembra saudosos tempos. Aqui estivemos quando ganhou brilhantemente os galões de official; volto, agóra, desvanecido pela honra de ser o instrumento da consagração do merito de Oscar, referendando o decreto que o promoveu ao generalato da armada nacional.

— Parece um sonho. Como o tempo passa? Pensei que estava reduzida á triste condição de uma velha esquecida...

— Quem foi rei, sempre será magestade — retorquiu o almirante Wandenkolk, sorrindo naquella tom de inalteravel gallardia e bom humor — A phrase não é muito orthodoxa na quadra actual, mas é sincera.

— Sempre o mesmo — concluiu a marquez, sorrindo.

— Eu sou um casco de velha não que não se póde mais alterar, encailhado agóra neste difficil estreito do governo.

A marquez erguen-se, deu-lhe o braço e fizeram juntos uma volta pelos salões. Acompanhou-a, conduzida pelo ajudante de ordens do marechal, Dolores, cujas fórmas seductoras se modelavam num vestido de séda creme, sem outro ornato além de um exúbe-

rante ramalliate de rosas vermelhas, prezo ao corpete, fechando a curva do decóte amplo, onde se abria o ninho dos seios opulentos, a estremecerem numa ancia sensual. Oscar conduzia Hortencia, cujo corpo flexivel se destacava nas nevoas de um traje branco, todo espumante de rendas.

O conselleiro e d. Eugenia chegaram tarde, muito aborrecidos por ter Amelia, á ultima hora, pretextado uma indisposição para ficar em casa.

— Que quer, minha querida marquez? — dizia-lhe o vellio — Amelia tem caprichos irreductiveis; as suas deliberações são inabalaveis. Por mais que supplicassemos a cumprir este dever de amizade, teimon em recusar e deixámol-a afinal, desenganados de convencel-a.

— Deixe estar — respondeu a marquez — que lhe tomarei contas por essa falta.

Oscar notára a ausencia de Amelia e lhe interpretára com precisão a causa verdadeira. Ella detestava as grandes reuniões, onde o seu prestigio despotico se annullava confundido e evitava o vexatorio confronto com a rival diabolica, a cynica Dolores, como ella lhe chamava, nas incontidas erupções de colera. Elle conhecia o coração de Amelia, as suas idéas e se rejubilava de que ella o deixasse, naquella noite, livre da inspecção contínua, da vigilancia tenaz de uns olhos imperiosos, onde as chispas do amor esmoreciam apagadas na caligem de um orgulho indomavel, de uma aspereza que, por vezes, o exasperava. E, pensando na rigidez de Amelia, os olhos delle percorriam, numa ancia de revelações, as linhas fortes do corpo de Dolores, colleando num movimento de reptil, sob as dobras do vestido estreito, fixavam-se num espasmo de volupia nas espaduas, na penugem da nuca, no seio offegante, nos polpudos labios purpurinos até encontrarem numa collisão de corisco os olhos della, os tentadores olhos supplicantes. Nunca se lhe figurou tão formosa aquella mulher, que o odio de Amelia marcára como um stygma.

(Continúa).

Um agiota londrino, Meyer Freedman, chamou, ha pouco, perante o juiz Rentoul, do Tribunal da City, a G. D. Walker, para que este lhe pagasse a quantia de £ 10-8 s-10 d., que lhe devia.

Walter, em sua defesa, disse que, em agosto do anno passado, tomára emprestado de Meyer Freedman a somma de £ 35, mas que comquanto já lhe houvesse pago £ 47-17 s-6 d., ainda lhe devia £ 10-8 s-10 d.

O juiz Rentoul disse que, embóra se tratasse de um caso de agiotagem á vista dos documentos, tinha as mãos atadas; condemnou, pois, a G. D. Walker a pagar ao credor um penny por mez, até saldar a divida, isto é, a solver esta no espaço de 208 annos!